

Belo Horizonte, Julho/Agosto 2014  
Edição nº 1.355

# SUPLEMENTO



MARIA JOÃO FÁRIA

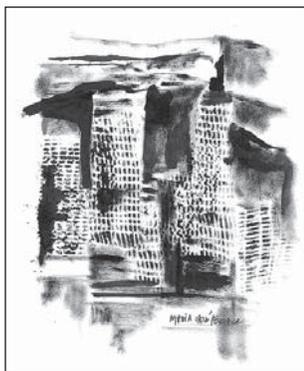
**D**uas datas importantes para a Literatura são comemoradas neste número: o meio século de Literatura de Benito Barreto e o centenário de nascimento de Julio Cortázar. Benito conta, em entrevista a Marcelo Miranda, episódios de sua trajetória desde o lançamento do romance Plataforma vazia, em 1962, com o qual iniciou a tetralogia "Os Guaianãs", até os cinco volumes da "Saga do Caminho Novo", percorrendo a Minas Gerais regional e histórica. Já o escritor argentino nascido na Bélgica, que faria 100 anos no último 26 de agosto, é lembrado por seu amigo Angelo Oswaldo, que dirigia o Suplemento Literário do "Minas Gerais" em 1973 e ciceroneou Cortázar quando de sua visita a Ouro Preto. Desde então o Cronópio – designação da persona poética criada por JC – ligou-se afetivamente ao SLMG, a que presenteou com o poema então inédito "Black Out", que faz referência a Drummond, aqui republicado.

Um ensaio do premiado escritor porto-riquenho Eduardo Lalo, em tradução de Letícia Malloy, discorre sobre regiões e povos pouco conhecidos, cuja cultura merece ser divulgada.

Apresentamos também contos de Eloésio Paulo, Lucienne Samôr e Ronaldo Cagiano, além de poemas de João Paulo Gonçalves, Lu Menezes e Ana Elisa Ribeiro, além do ensaio do poeta e ensaísta cearense Cândido Rolim sobre a literatura de Nina Rizzi.

A capa é de Maria José Fonseca.

# SUPLEMENTO



Capa: Maria José Fonseca

**Superintendente de Bibliotecas Públicas e Suplemento Literário**

**Diretor**

**Coordenador de Apoio Técnico**

**Coordenador de Promoção e Articulação Literária**

**Agência**

**Projeto Gráfico e Direção de Arte**

**Diagramação**

**Conselho Editorial**

**Equipe de Apoio**

**Jornalista Responsável**

Catiara Oliveira Mello Afonso

Jaime Prado Gouvêa

Marcelo Miranda

João Pombo Barile

Traço Leal

Plínio Fernandes

Paulo Lima

Humberto Werneck, Sebastião Nunes, Eneida Maria de Souza,

Carlos Wolney Soares, Fabrício Marques

Elizabeth Neves, Aparecida Barbosa, Ana Maria Leite Pereira,

André Luiz Martins dos Santos, Daniela Mara dos Santos

Andrade (estagiária)

Marcelo Miranda – JP 66716 MG

**Textos assinados são de responsabilidade dos autores**

**Acesse o Suplemento online: [www.cultura.mg.gov.br](http://www.cultura.mg.gov.br)**

O SUPLEMENTO é  
impresso nas oficinas  
da Imprensa Oficial do  
Estado de Minas Gerais

Suplemento Literário de Minas Gerais  
Av. João Pinheiro, 342 – Anexo – CEP: 30130-180  
Belo Horizonte, MG – Telefax: 31 3269 1143  
[suplemento@cultura.mg.gov.br](mailto:suplemento@cultura.mg.gov.br)

# Benito Barreto

## Meio século de literatura

ENTREVISTA A MARCELO MIRANDA

---

COMEÇO A ESCREVER;  
SE GOSTO, PROSSIGO,  
E O PERSONAGEM VAI  
FAZENDO SEU CAMINHO  
E ME PUXANDO.

**N**ascido em 17 de abril de 1929 no nordeste de Minas, o escritor Benito Barreto completou, em 2012, meio século de dedicação à literatura. Tendo publicado seu primeiro romance, *Plataforma Vazia*, em 1962, seguiu carreira narrando as histórias da família Guaianã, nos posteriores *Capela dos Homens* (1968), *Mutirão para Matar* (1974) e *Cafaia* (1975). A tetralogia já teve três edições e recebeu diversos prêmios. Mais recentemente, Barreto se dedicou a outra grande aventura literária, a Saga do Caminho Novo, pela qual escreveu seu ponto de vista em relação à Inconfidência Mineira e à vida de Tiradentes. Os livros, também premiados, são *Os Idos de Maio*, *Bardos e Viúvas*, *Toque de Silêncio em Vila Rica* e *Despojos: a Festa da Morte na Corte*, publicados entre 2009 e 2012.

No ano passado, a jornalista Rachel Barreto lançou o livro *Benito Barreto – 50 Anos de Literatura*. Neta do escritor, ela teve acesso a arquivos, documentos, publicações e fotografias exclusivas, além de ter feito uma série de entrevistas com o avô que compõem a bela publicação da Casa de Minas Editora. Para coroar o momento de valorização de seu trabalho, Benito Barreto, hoje aos 85 anos, foi eleito membro da Academia Mineira de Letras em dezembro de 2013. Ele vai ocupar a cadeira dois.

**Benito, você nasceu em Dolores de Guanhanes, no nordeste de Minas. Gostaria de saber das suas origens.**

Dolores de Guanhanes, que é minha terra, era distrito de Guanhanes, hoje é município. Ali eu nasci e, naqueles lugarejos, andei morando um ano aqui, dois acolá. Meu pai se movimentava muito, buscando situar-se na vida – o que ele nunca conseguiu –, então eu não parava em lugar nenhum. E, daí, eu conto num livro meu, chamado *Vagagem*, que ainda na mais remota infância, quando ainda era garotinho, eu, com minha irmã, viajávamos cada um num balaio na mesma carga. Você conhece, né? O burro de carga! A cangaia, os dois balaio, um em um e outro no outro, isso está descrito no *Vagagem*. Então minha primeira posição de observação do mundo, minha primeira janela, meu primeiro parapeito, foi um balaio.

**Você ficou pouco tempo ali em Dolores de Guanhanes na infância, certo?**

Conceição do Mato Dentro é uma cidade histórica. Ela tem quase a mesma idade de Vila Rica, mas já chegou aos seus 300 anos e foi onde eu estudei. A cidade tem uma tradição de congado porque ela apresentava um ginásio com internato dos padres capuchinhos, com muito crédito nos meios educacionais do país, tanto que eu tive colegas do país inteiro, de estados distantes, que foram pra lá. Tinha também um colégio de freiras para moças, um internato para os rapazes – que se chamava Colégio São Francisco – e um colégio normal para as moças, onde a minha irmã Afra, que se tornou freira, também estudou.

**Isso ali no interiorzão, naquelas grotas...**

É, naquelas grotas! Porque aquilo ali era o ponto de encontro das tropas das Minas Gerais, o máximo que você conseguia era um bom cavalo, mas não havia estrada. Aquelas tropas vinham daquela mata, trazendo as coisas, a produção das fazendas, das roças, porcos, galinha, pato, até o encontro num lugar chamado Via Mão, onde se passavam os carros, os caminhões, a caminho de Guanhanes, Peçanha e até mais adiante, até Governador Valadares. Era o porto de conforto do Brasil agrário, produtivo, o Brasil das tropas já com o Brasil dos caminhões.

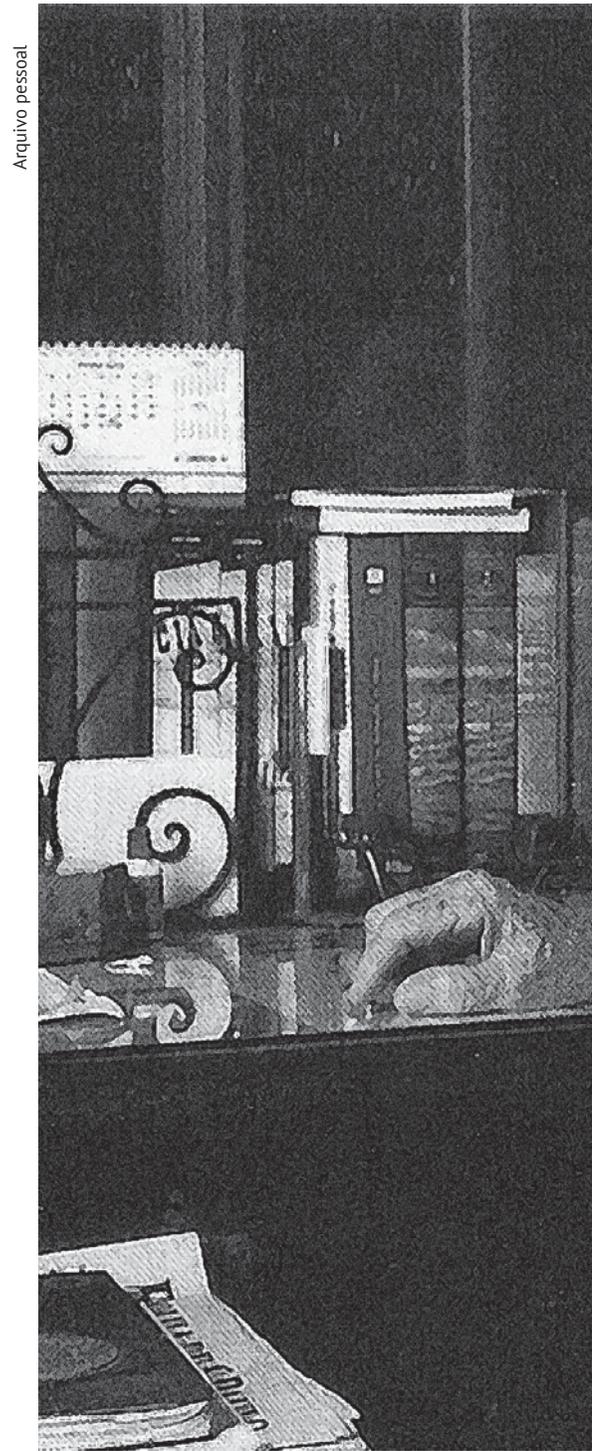
**Como, nessa realidade de mudanças, de balaio, surgiu em você o hábito de ler?**

Na minha família havia um padre que era um homem de muita leitura e tinha a casa sempre cheia de livros. Muitas histórias, romances, enciclopédias... Sob a influência dele, meu pai foi mandado pela minha vó a estudar naquela cidadezinha, Ferros. Fez lá até o quinto ano, naquele tempo havia o quinto ano que correspondia, mais ou menos, ao primeiro ano do clássico ou ao próprio clássico posterior. E meu pai, então, aprendeu também alguma cultura, alguma curiosidade pelas coisas da cultura, e tinha em casa livros, uns que ele comprava e outros que ele trazia lá da casa da mãe – a mãe dele, minha avó. Eu me lembro que, como não havia luz elétrica, nós tínhamos que ler à luz de lamparina, e aquilo tudo era nocivo. Minha mãe brigava comigo porque, frequentemente, amanhecia a essas leituras com a narina cheia de fuligem do

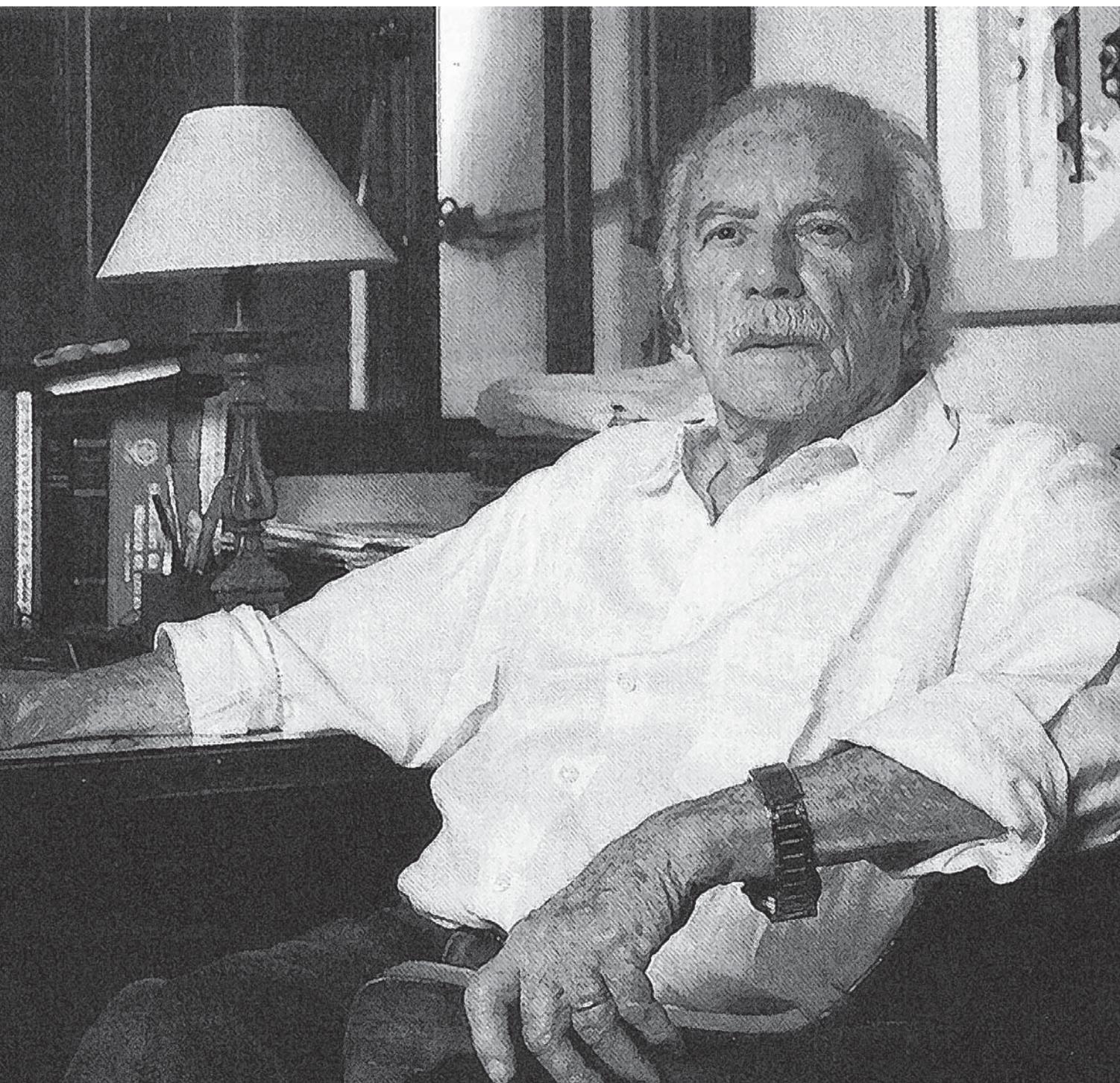
querosene. Enfiava um lenço ali e aquilo saía preto! Naturalmente devia ser nocivo, e ela então combatia isso. Mas, ao mesmo tempo, ela gostava que eu lesse, e meu pai também. E eu era do tipo que lia qualquer coisa que caía nas minhas mãos. Muitos anos depois, vi isso dito numa entrevista de um escritor americano, perguntaram a ele: “Como você fez a sua cultura, o seu conhecimento do mundo, se você nem fez um curso superior e seu currículo escolar é caótico?” Ele disse: “Lendo tudo o que passava por mim, qualquer coisa. Os bons livros, maus, panfletos, pornografia, qualquer coisa”.

**Quando você se mudou para Belo Horizonte, a sua leitura passou a ser mais politizada?**

É, isso foi uma transição meio complicada porque é claro que eu saio dessa infância rural, de pé no chão, de lugares onde não havia sequer grupo escolar. Saio dessa fase, faço o exame de admissão e entro no internato que existia em Conceição do Mato Dentro, que, me apropriando dos versos do Gilberto Gil, aquela despedida dele no tempo da ditadura, quando ele diz: “A Bahia me deu régua e compasso”. Conceição do Mato Dentro me deu régua e compasso. No sentido de que eu, ali, a rigor, aprendi ao que se refere, por exemplo, o português. Eu aprendi a ler naquele ginásio o português que eu gasto na minha literatura. O que significa, o que quero dizer, é que o ensino era muito bom, de muito boa qualidade. Na verdade, eu passei ali uns três anos de forma tumultuada e acabei até sendo expulso do internato porque andei já então meio rebelde, fazendo greve contra a má alimentação, greve contra o muito “rezar”. Rezava-se para entrar na fila, para sair da fila, para entrar na capela, para sair da capela... Então eu liderei um movimento contra essas coisas e fui simplesmente convidado a dar o fora. E foi um custo para me aceitarem no externato, porque queriam que eu, na verdade, deixasse o colégio, a cidade... Foi uma passagem decisiva para minha alfabetização superior e adquiri as



Arquivo pessoal



armas e as munições que gasto até hoje. Muito mais do que eu recebi na faculdade, essa que é a verdade.

**Sua postura combativa, de não se aquietar, vem muito nessa fase, mesmo ainda na formação?**

Deixa eu fazer um ligeiro retrocesso. A minha geração foi ser criança em casa ao tempo da Segunda Guerra Mundial. Eu me lembro que a invasão da Polônia coincidiu com a chegada do rádio no lugar em que morávamos. Eu acompanhava, com meu pai, aquilo pelo rádio. Vivia-se intensamente a guerra, logo começou a haver coleta. Qualquer metal era válido: mica, cristal, muitas outras coisas. Todo mundo saía a campo

para juntar. Tudo aquilo que tinha preço de valor entrava nos esforços de guerra. Essa é a infância que vai dos meus 7 aos 11 anos. Já a adolescência, tipo 13 a 16 anos, eu estou no ginásio e, aos 15, 16 anos, estou aqui, em Belo Horizonte, e assisto ao fim das comemorações da entrada dos soviéticos em Berlim. Os americanos, ingleses e franceses correndo, também, para chegar a Berlim depois dos russos e com o que já se delineia que vai ser a Guerra Fria. Ali já começam as disputas, os posicionamentos. De um lado, os chamados Aliados (EUA, Inglaterra e França); de outro, os soviéticos. Isso internamente coincide com a deposição, o golpe que depôs Getúlio Vargas em 1945, a volta dos comunistas, a libertação do Prestes e de vários outros presos. Enfim, os comunistas na rua, o Getúlio deposto. Havia um movimento ainda peronista que queria o Getúlio e internamente também se delinearão dois campos: um é de um Brasil, vamos dizer, voltado para a revolução – no caso, a revolução socialista. A máquina de guerra de Hitler e o socialismo estavam na ordem do dia. O socialismo triunfara da vanguarda capitalista superarmada que foi o Eixo (Alemanha, Itália e Japão). E então o partido comunista cresce rapidamente. Aqui também logo

segue o movimento. Eu, recém-chegado a Belo Horizonte, fui vítima de uns movimentos de hostilidade por causa do meu nome (Benito), porque nesse tempo qualquer italiano, japonês, alemão, era hostilizado. Chego a Belo Horizonte e me vejo lançado nessa fervura pelas ruas. Discutia-se tudo, tudo era novo! Porque a gente saía duma ditadura e do horror da guerra para uma libertação total, onde tudo era válido, todo mundo podia falar, todo mundo propunha, questionava, discutia, tinha bandeiras de todo o tipo. Entro nessa efervescência, isso me envolve e tenho os meus momentos de desorientação, de perplexidade, de “eu vou aqui, vou ali”, “para onde é que eu vou?”, essa coisa. E, sozinho, porque, a essa altura, tinha também acontecido um drama tremendo

na minha vida... Minha mãe era o suporte da minha casa – não porque meu pai não assumisse suas responsabilidades, mas é que meu pai era um sonhador, vivia fazendo grandes planos, tentando grandes coisas que, geralmente, fracassavam, e minha mãe sustentava a realidade da casa e da família. Ela foi vítima de uma doença e morreu em três meses, em condições muito dramáticas. Meu pai ficou completamente desorientado; minha irmã, única irmã, foi para o convento. Eu me vi só, e a família acabou. Sem profissão, e sem sustentação, buscando emprego, ao mesmo tempo precisando estudar... Num momento difícil e, no meio de toda essa confusão, eu me comprometo com a situação política, entrando em movimentos anticomunistas. Por que isso? Porque os comunistas, nesse tempo, saíam da cadeia, a palavra de ordem dos comunistas era Constituinte, antes Constituinte com Getúlio, depois Constituinte mesmo sem Getúlio. Era hora realmente de reestabelecer a democracia no país, institucionalizar essa liberdade, as conquistas do pós-guerra. Mas eu, naquela minha adolescência, queria era partir logo. E acabei participando até de umas brigas de rua contra comunistas! Pura ignorância, é claro. Numa conversa conheci um jovem estudante que me provou, por A mais B, que, afinal de contas, eu estava completamente desorientado, que eu não sabia de nada, estava perdido, sem caminho. E eu aceitei a derrota e falei com ele: “O que você anda lendo? Me empresta esses livros que você citou!” E ele me emprestou. Nesse tempo, ganhava um dinheirinho substituindo eventualmente revisores do jornal “Folha de Minas” quando eles falhavam. Fiquei tão alucinado que me esqueci do trabalho lendo aqueles livros. Tinha uma namorada que também larguei pra lá. Ao fim de toda aquela leitura, pus uma gravatinha que a namorada tinha tecido para mim. Comuniquei ao jornal de partido e cheguei lá e me apresentei. E assim começou a minha militância no partido comunista, ao qual me entreguei de uma forma absoluta. Passava, às vezes, o dia inteiro sem comer porque o partido não tinha dinheiro e eu não tinha também, mas eu não queria saber de nada disso. Eu queria saber de trabalhar, e essa entrada tempestuosa foi determinante de eu interromper os estudos, não arranjar um emprego e, com isso, me tornei um militante profissional que só iria interromper quando, lá no Nordeste, caí gravemente enfermo de tanto passar necessidade com uma pleurite tuberculosa, que cortou radicalmente a minha trajetória revolucionária por uns quatro anos.

**Se, por um lado, deixou a militância nessa época, a literatura supriu a sua militância, não? Você disse algumas vezes que teve na literatura a sua maneira de lutar, seu campo de batalha. Como é que se deu essa relação?** Curiosamente, a minha literatura, que normalmente devia nascer da reflexão, da leitura, da própria solidão em que eu me achava, nasce como se fosse um segundo plano de vida, em termos de ação. Já que eu não posso, por causa dessa situação, fazer o que eu fazia antes, eu vou fazer através da minha ficção. Então é uma literatura que não surge da leitura, da reflexão de uma militância intelectual, mas de uma ação interrompida, de um movimento cortado, e talvez seja por isso que mais de um comentador da minha literatura falou na força e presença viva,

dizem uns, da opulência, dizem outros. É que os personagens trazem essa carga de frustração e se traduz num ímpeto vital que eu não tinha pessoalmente e que eu, vamos dizer, coloco neles.

**Seus primeiros livros têm elementos autobiográficos, ou só guardam ideias, e não elementos de vida?**

Eu diria o seguinte: que todos têm um pouco de mim. É claro que num plano mais distanciado do meu cotidiano, mas não há dúvidas de que é uma literatura muito vinculada ora à vida que eu vivi, ora aos sonhos que eu sonhei, ora às frustrações que eu curti. Essa foi a matéria-prima.

**Imagino que você acredite na literatura como forma de engajamento.**

Eu não acredito, falando em termos de escola, de princípio, de posicionamento, e eu não sou adepto da literatura engajada, nesse sentido de que ela veio de partido, literatura de programa, de movimento. Porque, no meu caso, por exemplo, eu tenho personagens que discutem o partido que negam o partido, que se revoltam contra disciplinas, posicionamentos, mas a paixão ideal, aquele sonho socialista revolucionário, que não é pressuposto nem propriedade de nenhum partido, não pode ser isso aí. Eu sempre dei amplo espaço a isso na minha literatura porque é um dado da realidade de nosso tempo. O sonho socialista e a revolução foram e são presenças muito vivas em nosso tempo, em cada um de nós. Isso não é matéria de partido, isso é um sonho humano que transita pelas pessoas mundo afora.

**Pelo que você conta na entrevista à sua neta Rachel Barreto, no livro que celebra os 50 anos de sua literatura, dá para sentir uma desilusão com os rumos do socialismo no mundo, especialmente depois de conhecer a antiga URSS.**

Sobretudo a realidade socialista me chocou muito quando eu pessoalmente vi com meus olhos ainda a URSS. Eu inclusive tinha me encontrado com Luís Carlos Prestes, que estava, exilado, e falei com ele: “O que é que é isso, Prestes? Há um ‘deixa rolar’ em toda parte. A gente vê os gastos, bens coletivos jorrando, num refeitório você olha assim e uma floresta de gargalos abertos de cerveja, de vinho, de vodca, de uísque, e ninguém bebe. E por que se abriu aquilo? Para jogar fora? E as estradas malcuidadas? E os hotéis, acabamentos precários que levam aos prejuízos?”. Tinha um esbanjamento de recursos, e eu questionei a ele: “Onde estão os comunistas? Onde está o controle do partido, o pessoal da crítica e da autocrítica? A vigilância revolucionária?”. E ele, de cabeça baixa: “Bem, você tem razão, realmente está havendo isso. O partido está consciente e, talvez antes que você chegue em casa de volta ao Brasil, vai ter novidades”. Duas coisas, ao meu ver, inviabilizavam o socialismo basicamente. Primeiro, é que o homem não está aqui para igualdade, socialismo, companheirismo. Nós estamos aqui como animais que somos, para a guerra, a disputa, a selvageria do capitalismo. A nossa natureza está mais para isso do que para aquela coisa serena e tranquila do “distributivismo” socialista, da igualdade socialista. Eu li, por exemplo, na Alemanha Oriental, que todo mundo tinha de tudo,

casa para morar, veículo, transporte maravilhoso, saúde, garantida, ensino, tudo. Entretanto, as pessoas enfrentavam bala de fuzil e arame farpado para saltar o muro para o lado ocidental, onde caíam sem nenhum tostão, mas iam ter a possibilidade de disputar, de quem sabe ser dono de uma frota de carros, de um palacete, de uma fábrica. A nossa natureza é má, é ruim, é precária. Não somos de boa qualidade, embora tenhamos um potencial fantástico. Nós estamos preparados para tudo, mas o que mais faz forte e pesa mais é o lado pior do ser humano. Como foi que, no governo Reagan, o capitalismo derrotou de vez a URSS? A URSS tinha que gastar com alimento pra manter o socialismo. E o Reagan, com toda aquela estupidez dele, percebeu que esse era o caminho: investir em armas. Já que, militarmente, era impossível derrotar a URSS e viver politicamente, derrotaram no plano da competição do dinheiro. Isso tornou inviável uma infinidade de planos internos da URSS, porque o dinheiro acabou sendo investido em balas, navios, bombas atômicas, essas coisas.

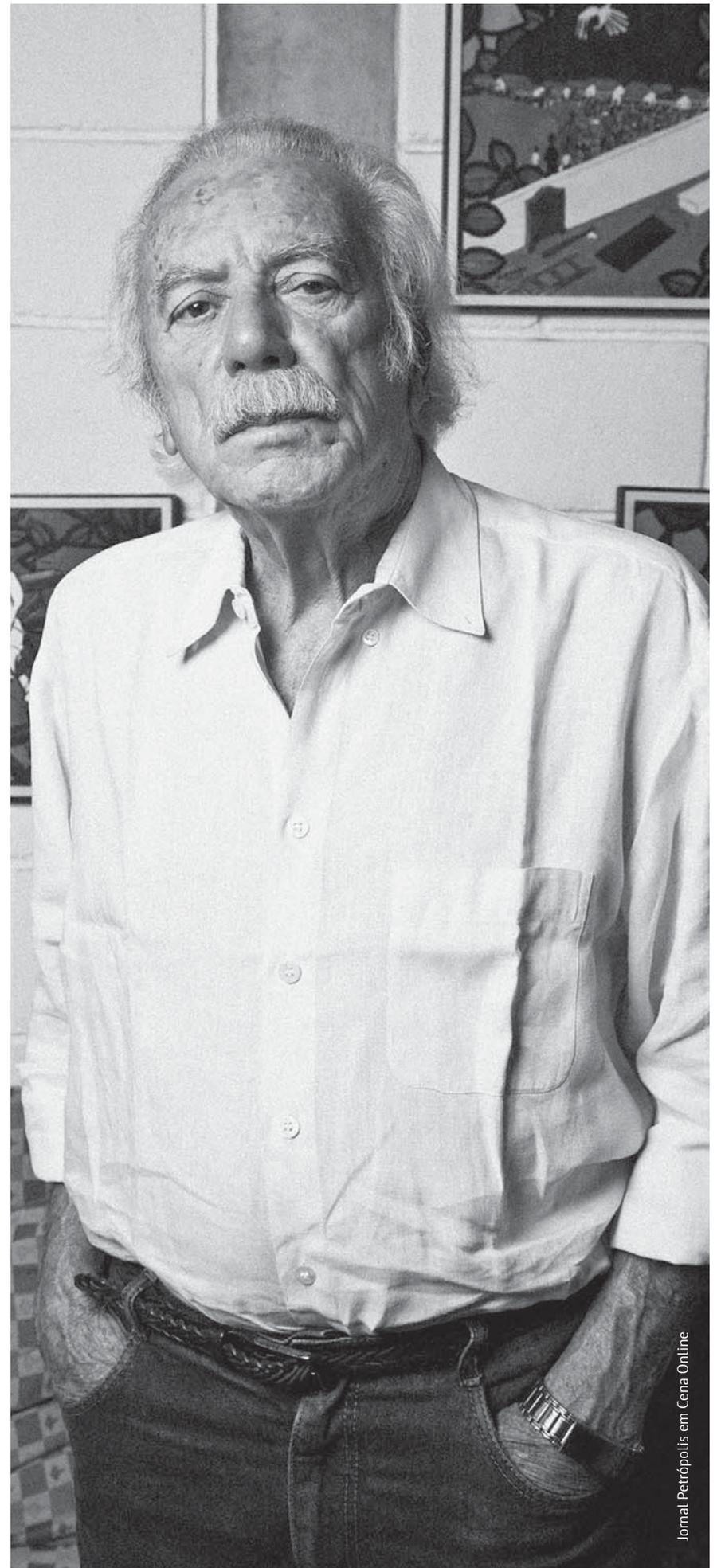
**Como você vê hoje a ascensão dos políticos de esquerda nos países latinos, incluindo o Brasil?**

Eu saúdo essa ascensão da esquerda como um grande passo à frente no sentido da afirmação dos nossos povos perante o império americano. Isso já é um grande passo, uma grande conquista. Ainda que tenha que pagar muito caro por isso, vale a pena. O americano, na medida do possível, castiga, pune, dificulta, se antepõe, espiona, sabota, de toda forma. Há que se lutar contra isso. Vamos chegar lá, e cada um vai se ajeitando. Nesse plano aí, a China desenvolve um papel importantíssimo. Há que se fazer a independência dos EUA, custe o que custar, pague-se o preço que tiver que ser.

**Como pensa o Brasil nesse contexto desde a ascensão do Lula e agora da Dilma?**

O Brasil hoje é outro. A partir do Lula, o país começa a fazer uma política externa independente. Ainda não de todo, mas hoje já independente. Hoje o Brasil diverge e chega um ponto de propor na ONU um regulamento contra a espionagem americana. Isso é fantástico! Isso é um salto da maior significação. E sabe o que me preocupa? É o que se passa na cabeça dessa nossa juventude hoje, que há pouco saiu às ruas

EU INCLUSIVE TINHA  
ME ENCONTRADO COM  
LUÍS CARLOS PRESTES,  
QUE ESTAVA EXILADO,  
E FALEI COM ELE:  
“O QUE É QUE É  
ISSO, PRESTES? HÁ  
UM ‘DEIXA ROLAR’ EM  
TODA PARTE.”





Rossana Magri - Correio de Araxá

e que, parece, não viu e nem ouviu sobre essa agressão incrível que foi a espionagem, inclusive sobre a nossa presidenta. Eu não tive notícia de um cartaz, de uma faixa, de um grito jovem, protestando contra isso, denunciando isso. A presidente manteve a solidariedade dessa juventude, que, por outro lado, não apresentou nenhuma bandeira e, quando foi chamada para conversar pelo governo, não levaram nenhuma mensagem, não propuseram nada. Ao contrário, através dos Black Blocs, foram para o “coice”. Então isso não é bandeira, isso é loucura.

**Voltando à literatura: na fase em que você começou a ler ficção, pouco antes de começar a escrever, o que fazia sua cabeça? Sei que sua mulher te influenciou em muita coisa. Que tipo de escritor você mais gostava?**

Olha, eu li muito os franceses, li talvez mais ainda os russos, os clássicos russos, Dostoiévski, Tolstói... Lia também alguns americanos bons. E, dos nossos, li Machado de Assis, os nossos poetas, Lima Barreto, Guimarães Rosa, Jorge Amado, Graciliano Ramos... Agora eu não sei,

não saberia dizer se alguém me influenciou e quem, como e quando. Provavelmente isso pode ter acontecido, mas não é fácil detectar, localizar, identificar.

**O seu processo de escrita é intuitivo ou organizado demais?**

Nunca fiz um plano. Foi sempre assim: começo a escrever; se gosto, prossigo, e o personagem vai fazendo seu caminho e me puxando. Há situações em que as coisas acontecem simplesmente. Tem um personagem, João Gomes, que, numa parada de trem, começa a contar um caso, de uma mulher com um fulano, e o fulano se julgava traído. Ele está contando isso e as pessoas em torno ouvindo, acompanhando. Ele não é personagem da história, ele está falando de um outro. E as pessoas perguntam: “E aí, o que que ele fez?”. E sabe o que veio escrito? “Matei.” Quer dizer: uai, mas então era ele? Na verdade o João não falava de outro, falava de si próprio. Era uma forma, contava o caso e repetia a história porque queria se punir, queria que alguém o castigasse porque

ele realmente matou a mulher e tem dúvidas sobre a culpa dela. E o cara assume a história naquele momento, e realmente é a despeito de mim, escritor, porque, quando ele fala “matei”, eu pensei, enquanto escrevia: “Puxa, mas... então era isso?”. Ali ele se revela e segue sendo o personagem. Então tem inúmeros casos assim, que não têm nada programado, e pode-se dizer que o personagem está puxando a história, revelando, contando, vivendo.

#### **Esse processo muda quando você vai fazer o “Saga Caminho Novo”, que são os livros sobre Tiradentes, de viés mais histórico?**

Continua, pelo seguinte: o que se sabe desses nossos personagens históricos, inclusive Tiradentes, é tão pouco que eu me permito, nesses livros, fazer a minha leitura deles. De cada um, sobretudo Tiradentes, que, como é sabido, foi apresentado como um pobre diabo, vítima dos outros, que teriam feito dele um bode expiatório, e aí a República o resgata desse papel de passividade, mas o transforma num Jesus Cristo, aquela coisa com a barba, a bata. Então o Tiradentes, por uma via e outra, pelo Império e pela República, nos chega sendo adivinhado. Mas o que é real nele é o sangue que ele derrama, são os pedaços dele pelos caminhos de Minas, atestando a firmeza e a força desse homem, a determinação. Isso torna, a meu ver, realmente o homem do povo que primeiro inventou o Brasil, em termos de conceber aquele acolchoado de capitânias como um todo articulado, um povo, um país, uma nação. Isso nós devemos a ele. E acabou sozinho, incompreendido, abandonado, traído por todo mundo. Esse homem é certamente a pessoa capital na história desse país, o homem mais importante, é o nosso fundador. Tudo parte dali. Talvez sem ele nós tivéssemos aqui uma colcha de retalhos de países, como a América Espanhola, essa infinidade de países aí. No Brasil nós temos vários países dentro de um só.

#### **Esse seu entendimento sobre Tiradentes veio antes da escrita dos livros ou a partir das pesquisas?**

Sempre no meu íntimo, quando vi alguém com um gesto de desprezo ou de desconsideração, de não reverência à figura de Tiradentes, me incomodou. Quando o procurei nas minhas pesquisas, nas minhas leituras, descobri que ele realmente era extremamente simples, homem do povo, apesar de que ele tinha uma família. O pai era português, letrado, era o que se chamava então de um “homem bom”, cidadão no qual o Estado se apoia ou que o Estado coopta para exercer funções públicas. Então o pai dele como “homem bom” foi uma espécie de vereador, de juiz de paz, foi delegado, coisas assim. E a mãe era uma mulher de muita fibra, a Maria da Encarnação Xavier. Curiosamente, a família dele, quando a mãe morre, antes do pai, tinha uma batelada de filhos, uns sete, dois já no seminário, que se fizeram padres, e várias mulheres, um caçula e ele. O mestre dele vai ao pai e fala: “Fulano, seu filho está faltando à escola. É vagabundagem?”. “Não é vagabundagem. Ele está trabalhando, me ajudando”. Então ele reclama: “Mas olha... Seu filho tem cabeça, esse menino se interessa pelas coisas, ele me olha com cada olho assim quando eu estou lá na frente explicando as coisas”. O pai responde:

“Mas eu não tenho dinheiro, já tenho dois filhos no seminário, as filhas para casar...”. Havia muito disso. O Tiradentes foi escolhido para ficar em casa, o pai se apoia nele. Ele inclusive é quem leva o filho caçula para a escola em São João Del Rei todos os dias. E aí, aliás, que começa a se mostrar. De repente, nas idas e vindas, ele saía da fazenda do Pombal e ia até São João Del Rei, e tinha lá um cara meio o “dono do pedaço”. Um jovem já mais graúdo, um pouco mais idoso, que resolve cobrar pedágio para quem passa ali, desde que a pessoa seja menos forte que ele, para ele dominar. E assim ele impõe a Tiradentes com seu irmãozinho um pedágio. Para ir para o pedágio e para voltar, traz para ele um pé-de-moleque, uma fruta, ou então apanha. E Tiradentes começa inclusive a furtar coisas na despensa da fazenda para dar ao cara. Então ele vai acumulando aquilo e chega um dia em que ele reage, aplica uma “sova” no cara, se liberta. E assim ele vai se fazendo. Tem uma infinidade de pequenas experiências que vão moldando, temperando o caráter e a firmeza dele.

#### **Apesar de quatro livros extensos, a “Saga Caminho Novo” foi lançada ao longo de um tempo relativamente curto, em três ou quatro anos.**

É, mas eu trabalhei nesses livros após uns 11 anos de leitura, de pesquisa.

#### **Você pesquisava e ia escrevendo?**

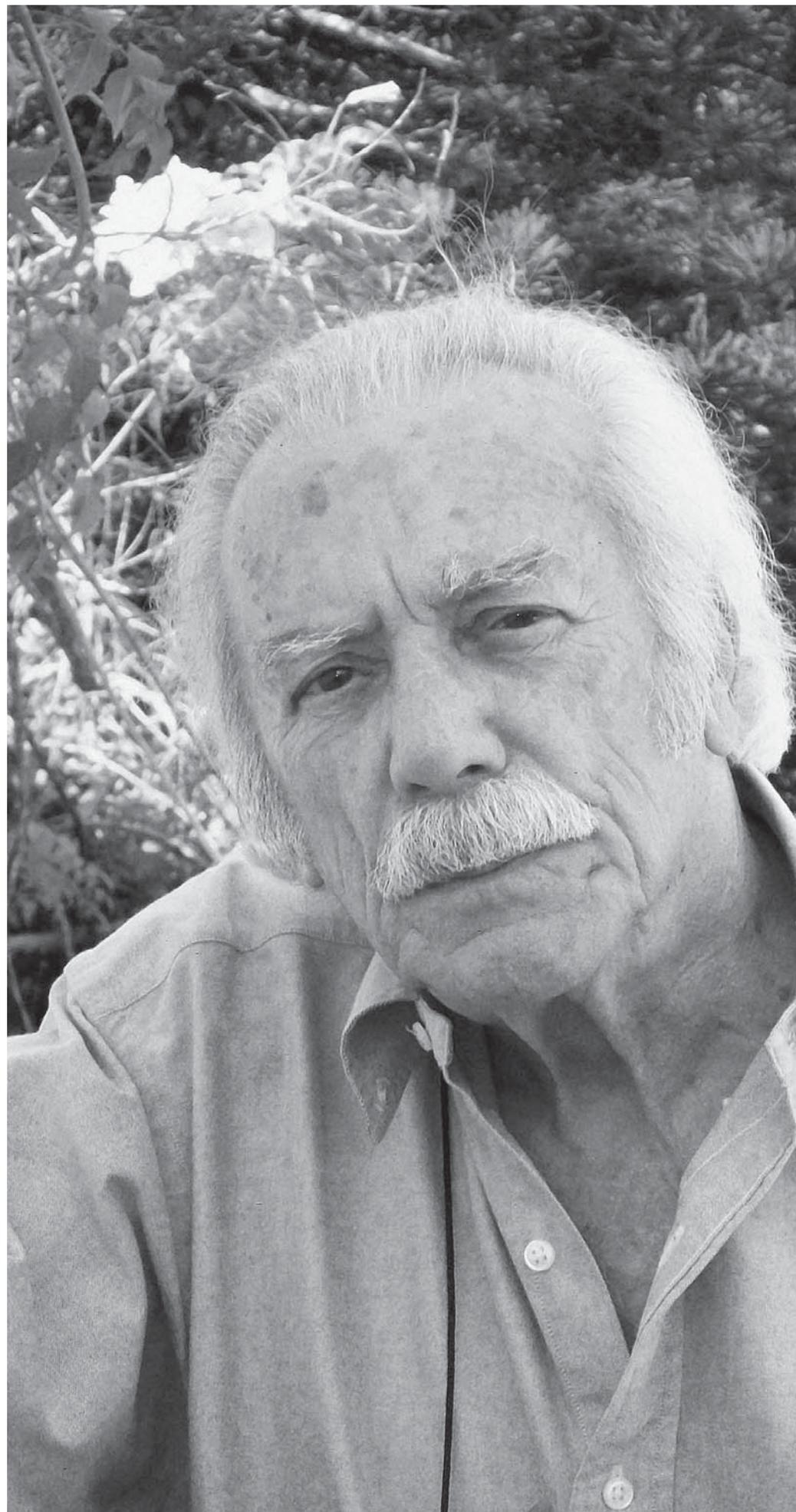
Houve um dado momento em que eu parei com as pesquisas e as leituras e comecei a trabalhar. Na Saga há um personagem da Inconfidência, um padre de 27 anos, sobrinho da dona Gertrudes, mulher cuja filha Tiradentes salvara de uma ferida cancerosa na perna e que por isso devia a ele muitos favores. Quando Tiradentes se viu seguido por homens da polícia do vice-rei no Rio, sem conseguir escapar dos olheiros, procura essa mulher e fala: “Estou precisando me esconder para voltar a Minas”. Ela não pergunta o que é e o encaminha. No que ela está conversando, o padre, sobrinho dela, um jovem mestiço de 27 anos, fala: “Meu filho, leva o meu amigo, que curou sua prima, leva na casa do ‘cumpadre’ Domingo, na Rua dos Latoeiros. Fala com o ‘cumpadre’ para ficar com ele lá que depois vou conversar com ele”. O padre leva, volta e fica por ali. A tia não explica nada, até porque ela não sabe também. Mas ele sabe que levou o amigo da família, que era sabidamente Tiradentes, que curava coisas, receitava remédios, então ele sai e não sabe que Tiradentes está também sendo perseguido por Silvério dos Reis, que foi mandado de Minas. Aí Silvério dos Reis, no dia seguinte, faz contato com o padre e quer saber onde está Tiradentes. O padre diz: “Não sei. Eu saí com ele, mas ele tomou rumo e tal”. O Silvério então fala: “Eu sou amigo dele. Trouxe dinheiro para ele, tenho cartas para ele. Sem me encontrar com ele, não pode voltar para Minas”. O padre não cede. Mas o Silvério volta ao vice-rei e fala: “Eu perdi o rastro do homem. Mas sei de quem sabe onde ele está. Só que quem sabe é um padre, e ele não conta”. Aí o vice-rei fala: “Então onde está esse padre?”. Ele manda uma guarnição pegar o padre, pelos cabelos, e leva-o para a janela, em uma torre sobre o mar, e fala: “Olha, eu posso fazer tudo que eu quero com você. Te arrancar as unhas, te quebrar as tíbias, te vazar os olhos, te

arrancar os cabelos, queimar você, te cortar o pênis e te jogar aos tubarões, se você não me contar tudo sobre esse homem”. O padre se apavora e conta, mas ele nem sabe aquilo que está entregando. Para ele, ele está entregando um amigo de sua tia. Mas ele entrega e fala com o vice-rei: “Olha, estou entregando este homem, mas Deus é testemunha de que não tenho nada contra ele, não sei nada que o desabone. Sei que ele curou minha prima, que é amigo da minha tia e que é um homem que cumpre com seus deveres, é temente a Deus”. E ouve: “Meu filho, não se culpe, não se apoquente. Porque você acaba de prestar à sua rainha um grande serviço. Esse homem que você me entregou está conspirando contra a soberana. Ele quer fazer a independência do Brasil”. Aí o padre: “Onde é que me meti? O quem é que estou entregando?”. Porque o padre era um sujeito de boa índole, de inclinações melhores ainda. Com essa historinha quero te contar o seguinte: toda a Saga do Caminho Novo é conduzida pela culpa do padre, a culpa que o leva para Minas, no meio do caminho ele se encontra com Frei Lourenço, a quem ele conta tudo, e à medida que ele vai entrando em Minas, os acontecimentos se vão dando. O ponto de partida é a prisão de Tiradentes no Rio, em 1789. De um lado, o presente conduzido pela entrada desse padre em Minas e aquilo do que ele participa. De outro, Tiradentes evocando o passado de dentro da prisão. Então esse jogo de presente e passado vai ao longo de todos os quatro livros.

**Nesses 50 anos desde seu primeiro romance, *Plataforma Vazia*, qual teria sido a maior mudança na literatura, na sua visão?**

Eu não sou nada teórico ou, em outras palavras, eu não estou em dia com a teoria do fazer literário, escolas, correntes, nuances, grupos. Aliás, não tive participação de geração de grupos, escolas. Então não sou a pessoa em dia para te responder com alguma competência essa pergunta. Eu, quanto a mim, diria que a minha impressão é que a literatura se tornou mais direta, usa mais a linguagem dos acontecimentos, dos sentimentos, das ações, em desfavor do descritivo, da descrição, daqueles cenários que, no passado, muitos autores montavam. Isso está em Machado de Assis, José de Alencar, Goethe, Victor Hugo e assim por diante. Hoje ela é mais direta, o que se quer, sobretudo o que é importante, é o movimento interior da pessoa, os movimentos e os sentimentos. Deixando-se ao leitor imaginar o cenário, completar essa linha de ações, paixões, sentimentos. Deixar isso a completar, no que se refere à ambiência, pelo leitor. Eu, pelo menos, faço isso. Eu deixo que o leitor componha com suas reações diante dos fatos com os quais ele está lidando, que ele componha, pinte, pincele o ambiente como queira. E me limito a dar aqui e ali algumas pinceladas, umas indicações. Mas eu queria te dizer o seguinte... Me alegra e chega a ser um prêmio para mim, no que se refere à minha literatura nesses 50 anos, ver que ela, vista pelo revés, parte desse homem-povo que foi Tiradentes, primeiro na ideia de fundação do Brasil como nação, e que nos deu, com seu exemplo, seu sangue e até seus pedaços, nos deixou essa mensagem definitiva, do ponto de vista de sua exemplaridade, de sua virilidade, de seu civismo, nos deu um exemplo que é visceralmente importante para nós como

benitobarreto.wordpress.com





povo e nação. Minha literatura parte desse homem e chega aos nossos dias com os meus *Guaianãs*, que à sua vez sangraram e que deixaram nos caminhos de Minas, por onde andaram na luta contra a ditadura, o seu sangue, o sal de seu suor e o mel de seus sonhos de emancipação do Brasil, de um possível Brasil socialista. Então isso me compensa. Porque eu vejo que minha literatura, sem que eu planejasse, se comprometeu com o que eu acho vital para o nosso povo, para nossa história, que é essa inclinação muito forte em Minas de se entregar às linhas fundamentais de libertação, de emancipação, de independência, que partem do Tiradentes e que nós herdamos e tentamos praticar hoje. Isso me alegra.

**Há algum novo projeto seu de escrever novos livros ou sua obra se fecha na Saga do Caminho Novo?**

Olha, eu ainda estou envolvido com esse livro sobre os meus 50 anos de literatura, que mobilizou várias pessoas da minha família. A equipe me surpreendeu, fizeram tudo sozinhos, pegaram recortes com a minha mulher, organizaram tudo e fizeram esse belo livro assinado pela Rachel, que ficou realmente muito interessante. Eu estou deixando assentar a poeira, para ver se vou arriar de vez as chuteiras ou fazer ainda alguma coisa. O mais provável é que faça. Mas de fundamental acho que minha obra pode se dar por concluída. Cronologicamente, a Inconfidência Mineira está nos meus últimos livros, mas, do ponto de vista de uma apreciação da obra, eu começo com Tiradentes e chego aos nossos dias. Você sabe que tenho no romance *Um Caso de Fidelidade*, um personagem que, levado ao desespero, diante dessa humanidade que foi incapaz e deixou sair pelos dedos o socialismo, conclama os elementos básicos da vida, ou seja, um suposto conselho em que entram a terra, o ar, os ventos, a luz, ele conclama esses elementos básicos a destituírem o homem, o bípede pensante, do comando da vida, do mundo, em favor dos quadrúpedes equinos, dos quais não se sabe o que eles pensam, mas é sabido que são leais, valentes e fiéis. Terminado *Os Guaianãs*, eu escrevi *Vagagem*, *A Última Barricada* e *Um Caso de Fidelidade*. Tanto o *Vagagem*, eu ainda estou em clima de *Os Guaianãs*, esse das barricadas foi envolto disso também. Mas *Um Caso de Fidelidade* me solta, é um negócio diferente, embora tenha lá ainda um respingo dos *Os Guaianãs*. Aí o que faço? Lá pelos anos 80, eu trabalho anos a fio em dois livros que concluí, um chamado *A Síndrome de 89*, mas não falo do 1989 da queda da União Soviética, é da Revolução Francesa e da Inconfidência Mineira, em 1789, e *A Guerra dos Ácaros*, com mil páginas. O que são esses dois romances? Eu estou configurando para a virada do milênio, ano 2000, numa tentativa

de futurismo literário, um quadro em que a guerrilha dos Guaianãs nas montanhas, não depôs as armas – pelo contrário, cresceu. Ela desceu das montanhas para os vales e as cidades, e está para tomar conta do Brasil, em um quadro de vitória revolucionária, quando os americanos, diante da perda iminente do Brasil, resolvem invadir, com esquadra e forças terrestres, para ajudar o governo; delegações de outros países, como Inglaterra, vêm e ajudam também. Já a Europa, que a essa altura está socializada, corre com brigadas em apoio à revolução, e a China entra nisso também. Aí, dentro do nosso Brasil, acontece a 3ª Guerra Mundial, e as batalhas são colossais. A Guerra dos Ácaros é uma coisa bem curiosa: as forças americanas, a essa altura ultra tecnológicas, cada soldado está dentro de uma blindagem, transforma quase uma máquina, essa coisa nas Gerais de Minas, por exemplo, é acometida de carrapatos, os ácaros. E todo aquele aparato militar fica paralisado pela coceira, o soldado não consegue atirar por causa das ferroadas para todos os lados. (risos) Os anos foram passando, eu terminei esses livros, e então despenca a União Soviética. Tudo que meu futurismo ficcional previa para o capitalismo aconteceu com o socialismo. Então isso está aí nas gavetas, perdido, não faz mais sentido publicar hoje.

**MARCELO MIRANDA**

é jornalista e Coordenador de Apoio Técnico do SLMG.

## UM RIO CHINÊS

Nessa baía  
tantas baleias evoluíam que um belo dia  
ao pé do morro da Urca, ampla matança tornou de vez  
Praia Vermelha a areia

Nessa baía que a pele repele  
a gente hoje só se banha  
em teoria:  
só os olhos  
no azul se molham  
e encharcados de telescopia  
a linha do bondinho puxam até a China —  
até penedos verde-jade primos do azulíneo  
Pão de Açúcar daqui — antes batizado Pote de Manteiga  
no café da manhã de gigante  
do viajante Léry

Primos chineses  
próximos-distantes  
também da altibaixa  
sinfonia do “mar de morros”  
em Minas — China de cá —  
que em meio a névoa e melancolia  
o pincel de Guignard soube orquestrar

## BRILHO DE ALMAS

Alma, obsoleta  
medida demográfica vigente  
nas povoações brasileiras de outrora  
Hoje sobrevivente  
quando anoitece, quando se acendem  
as lâmpadas das casas  
e reanimam-se as cidadezinhas  
repovoadas  
de almas que luzem ao longe — ao largo da estrada

Não luzem  
na mondrianesca quadriculescência da urbe,  
no boogie-woogie noturno tão belo da urbe  
ou em qualquer refulgente  
favela nela incrustada

Gente demais  
apaga a lâmpada da alma  
— ela ao redor  
requer  
vazio que reacenda  
a sua aura — elétrica na era  
da reprodutibilidade eletrônica

Chama para a qual  
é clara condição  
a solidão  
chama-se alma

POEMAS DE  
LUIS DE MENEZES

## DE VOLTA À TERRA

“Você abre a escotilha e sente  
o cheiro da realidade. A realidade cheira  
a adega mofada  
e meia suja no porão da vovó”  
— ele revela —  
saudoso da gravidade, todo chegado  
ao chão

Na volta do passeio sublime-ofuscante  
depois de ver  
a Terra nascer,

o sol  
de hora em hora morrer

e dez vezes mais estrelas e estrelas  
dez vezes mais brilhantes;

invadido  
pelo efeito olfativo  
desse contraste cósmico que a gente,  
sem nave, apenas pressente,

o viajante  
ao respirar reconhece  
já no grão vivo do ar  
a graça do que passa

Aspira, então,  
por seu passado pedestre  
em caverna caseira  
onde a sombra  
uma prole de mofo e poeira vulgar  
tenha feito vingar

Depois de chegar na Terra e farejá-la  
— chegar ao sofá —  
ligar a TV e tirar o sapato do pé  
é tudo o que o astronauta quer

## TINTA DO CÉU

Toda vez que um senhor feudal  
—disfarçando a blasfêmia a pedido da Igreja —  
bradava Par le sang bleu! em lugar  
de Par le sang de Dieu!

nos ouvidos dos servos  
o Verbo  
cor se fazia  
Tingia-se de azul o sangue senhoril

Atrás  
do biombo bleu, divino desde o mais  
remoto alvorecer, o azul, sangue de Deus,  
em sangue nobre assim se converteu  
Plebeu ou nobre, bastardo  
no isopor de uma embalagem de ovos,  
legítimo em toda espécie de flor,  
toda sorte de azul  
do céu descende

Nômade, artesão da Distância,  
diluidor de montanhas  
ou sedentário, ilhado nos olhos de um pescador,  
com seu frescor a tiracolo, o azul — globe-trotter mor —  
errando aquém dos ares  
em lagos, mares, rios da Terra e do sangue,  
tinta do céu é ainda

LU MENEZES

Maranhense de São Luís, é poeta. Tem publicados os livros  
*O amor é tão esguio* (1980), *Abre-te, Rosebud!* (1996) e *Onde  
o céu descasca* (2011).

# O Visitante

CONTO DE LUCIENNE SAMÔR

---

**M**oro no segundo andar de um prédio de cinco andares. Feliz por ter adquirido um imóvel que preenchia todos os requisitos de segurança e conforto. O apartamento, um por andar, tinha dois quartos, sala, copa, cozinha e banheiro. Havia também uma área que fazia saltar aos olhos toda a beleza da cidade, a natureza cooperava nas tardes coloridas e nas noites o céu ruborizava de estrelas. Nada mal.

Não tinha animal doméstico. Era proibido pelo estatuto interno do prédio. Gostava de cães; não suportava gatos, eram voluptuosos e preguiçosos. Havia uma garagem disponível; não possuía carro e sequer poderia dirigi-lo porque tinha surtos de labirintite. Utilizava-a para guardar móveis e revistas antigas, para dar lugar no meu apartamento aos livros, DVDS, CDs e discos de vinil. Comprava-os nos sebos.

Escrevia ficção literária. Morava em uma cidade distante dos centros culturais. Dava-me mais chances de dedicar-me à literatura.

À noite, costumava ficar na área, apreciando a beleza da paisagem. Sentava-me sozinha em um banco. Aliás, quando vinham visitar-me, respondia pelo interfone que a dona do apartamento estava ausente, viajando. Identificava-me como uma diarista. Alterava a voz. Treinava vários tons na água, debaixo do chuveiro e estava me dando bem. As visitas eram detestáveis. Alteravam o meu cronograma pessoal. Se havia programado assistir a um filme às quatro da tarde, não deixaria que intrusos, acomodando-se na sala, fizessem saltar perguntas idiotas, obtusas, acompanhadas de observações maldosas. Sentia uma sensação estranha de desnudamento psicológico e isso afetava-me negativamente por vários dias. Eu não visitava ninguém, simplesmente para mantê-los distantes. Mas não havia jeito. Vez ou outra vinham importunar-me. Pegavam-me no térreo e não havia como fugir.

Não fumava ou bebia. Simplesmente porque não gostava. Não era uma abstinência moral.

Aproximei-me da janela para olhar a azáfama na rua. Carros, motos, bicicletas, caminhões, rádios-patrolhas, ambulâncias e pedestres, sempre agitados, nervosos, apressados. A humanidade estava se acabando devido ao estresse, é o que afirmavam os analistas do comportamento humano em programas de TV. A mim, bastaria que lessem as minhas histórias.



PAULO LISBOA

**D** estava numa noite de outono na área, observando a pulsação de uma estrela. Parecia uma bola prestes a explodir. Explodiria? Seria um notável fenômeno da natureza. No dia seguinte, sairiam as mais controvertidas manchetes nos jornais e astrônomos de várias regiões do país dariam suas opiniões. Todos gostam de dar opiniões. A palavra é prepotente e faz deles personagens notórios durante dias. Não é assim, também, que se altera a sensaboria cotidiana?

A princípio, percebi um leve ruído, semelhante a um corpo que se move, devagar, lentamente, como se tivesse o hábito de mover-se assim para manter-se oculto. Relanceei os olhos à procura do ruído. Só agora percebia que o apartamento no Bloco 1, paralelo ao Bloco 2 em que eu morava, estava com as luzes acesas. O ruído cessara. Era como se ele estivesse acomodando-se. Alguém assistia à TV. As luzes do aparelho piscavam. Não ouvia o som. Deveria assisti-la com fones adaptados aos ouvidos. Nessa noite, não olhei mais para as estrelas. Apenas tentava identificar a pessoa. Quando mudara? Estou com um novo vizinho e só agora percebo. Fiquei ainda observando por alguns minutos a janela do outro. O cenário não se modificava. Decidi ir para o interior do meu apartamento lanchar, assim como faço todas as noites ao deitar-me. Amanhã, bocejei, veria o vizinho transitando pela área inferior.

Terminado o lanche fui para o quarto. Enrolei-me no cobertor preferido e fiquei pensativa. Sentia uma estranha sensação de felicidade graças a ele. O calor proporcionado pelo cobertor foi aumentando, entreguei-me e dormi. Acordei pela manhã e olhei o relógio digital: 9:00 horas. Levantei-me de um pulo e me encaminhei para a ducha quente. Terminado o banho fui tomar café. Pretendia ir ao térreo para saber se havia chegado alguma correspondência. Perguntaria ao recepcionista, Fuentes, um ex-boxeador meio médio que tinha o olho esquerdo vazado por um soco, quem era o vizinho. No balcão, Fuentes atendia aos vários moradores que se acotovelavam. Aproximei-me. “Fuentes!”, chamei. Ele somente olhou e não disse nada. Percebi que estava atendendo a um casal de idosos. Entregava-lhes duas caixas de remédios vindos do exterior. Era uma remessa mensal. O casal assinava alguns papéis protocolando a entrega. Aguardei um pouco andando no piso. Àquela hora da manhã várias pessoas já ganhavam as ruas, apressadas. Olhei para o balcão e Fuentes enxugava a testa com um lenço azul. Dirigi-me para lá. Cumprimentou-me. “Quem está

morando no segundo andar do Bloco 1?”. Surpreso, não respondeu imediatamente. Continuei, “poderia olhar no livro de registros?”. Ele piscou o olho bom, fitou-me e disse que o livro de registros estava como o contabilista. “E o CD?”. Respondeu que o programa fora retirado para reparos. Fiquei desapontada. Não tanto pela sua parcimônia. Sentia que ele sonegava o pedido de informação. Dei-lhe as costas e fui sentar-me no jardim do Bloco 2. Olhei para cima e o colosso de cimento e tijolos parecia mover-se, acompanhando as nuvens que se deslocavam rápidas. O sol estava praticamente branco. Preferia as tardes quando o sol tornava-se amarelado como ouro. Resolvi subir para o apartamento e tratar do almoço. Era um pouco cedo, mas me distrairia. Almocei sem sentir o sabor da comida. Fuentes sabe, raciocinei. Lavei o prato na pia que de tão branca feria-me os olhos. E agora? Dormiria ou sairia? Talvez nem uma coisa, nem outra. Fui para a sala. Liguei a televisão para assistir ao noticiário da uma hora. Não havia nada que prestasse. O noticiário televisivo também sonegava as informações. Recostada, resvalei para o sono. Quando acordei uma brisa fria penetrava pela janela. Assustei-me com a TV ligada. Agora passava um filme. Desliguei o aparelho e fui até a cozinha. Abri a geladeira e apanhei uma maçã. Trinqueei-a nos dentes e o sumo escorreu pelos cantos da boca. Peguei um guardanapo de papel e limpei a boca. Coloquei um pouco de sal na ferida da maçã. Olhei através da janela. O sol já se punha. Alguns fios dourados, esparsamente, feriam os móveis. Naquele dia não chegara nenhuma correspondência. O interfone não chamara. Subia, agressivamente, o ruído do trânsito. Lembrei-me de que a toalha de banho ficara a secar na área. Levantei-me do sofá e abri a porta. Fui atingida por uma lufada de ar frio e isso trouxe-me bem estar. Simultaneamente, ouvi uma voz feminina expressando-se em inglês. Olhei para a janela do morador do Bloco 1 e as luzes estavam acesas. A voz saía de lá. Fiquei parada, absorvida pelo momento. Era uma voz suave, de leves e estudadas inflexões, que causava prazer. Achei que fosse algum filme que o morador assistia. Só não sabia se era DVD ou um canal pago. Ela não dialogava, contestava ou discutia. Explanava com segurança. Presumi que a atriz interpretava um monólogo de William Shakespeare ou de Samuel Beckett. A voz da mulher era encorpada sem ser grave. Era admirável a sua sintaxe culta. Refleti que o morador era um homem de gosto refinado, até bizarro nas suas preferências culturais. Por alguns minutos saboreei aquele monólogo. O som era límpido. Peguei a toalha e levei-a para o banheiro. Manias minhas. Talvez por não ter o que fazer, trocava os objetos de lugar para ter o que fazer.

**N**a manhã seguinte desci ao térreo para conversar com o recepcionista. Ele organizava a correspondência colocando-a nos escaninhos. Aproximei-me. “Bom dia.” Ele virou-se e respondeu ao cumprimento. “Poderia dar-me uma informação? Quem é o morador do segundo andar do Bloco 1?”. Fuentes olhou-me sem piscar e o seu olho estragado parecia menor. A pálpebra, nesse dia, estava mais caída. Ele crispou os músculos faciais. Olhou-me detidamente com o olho bom. “Os livros não voltaram ainda do contabilista e o CD está sendo corrigido. Havia alguns erros de informação sobre o cadastramento de moradores que mudaram-se ou faleceram. Poderia aguardar mais um pouco?”. “Até quando?”. Fuentes olhou para a entrada do prédio e finalizou: “O motoboy está saindo para ir a vários lugares. Irá também ao contabilista. Quem sabe não trará todo o material?”. Olhei para trás. O motoboy desaparecia envolvido na sua jaqueta de couro negro. Chegavam ao balcão outras pessoas perguntando coisas diversas e ele tinha a atenção meio vaga. Teria que ter paciência. Quem sabe, eu mesma descobriria a identidade do morador do segundo andar do Bloco 1?

Não havia muito o que fazer naquela manhã. O que havia era o de sempre. Pensei em limpar novamente a cozinha. A lata de óleo caíra, mesmo retirado com pano úmido o resíduo ainda grudava na sola do meu tênis. Não precisaria pagar hora extra á moça que vinha, semanalmente, limpar o apartamento. Distraindo-me com o trabalho, esqueceria as preocupações.

Há alguns dias eu não ouvia nenhum som mecânico no segundo andar. Ele teria se ausentado ou viajado?

Anoitecera e eu estava sentada no sofá, aguardando o noticiário das dez horas da TV. Súbito, ouvi sons de sino. Fiquei atenta. A vibração do som dos sinos parou para dar lugar a harmoniosas vozes masculinas. Ah, era o Canto Gregoriano. Iniciava-se com Missa “Cum júbilo”, Kyrie, cantada pela Escola Gregoriana Mediolanensis da Itália. Era idêntico ao que eu possuía. Levantei-me e fui até a janela. O som vinha do apartamento do morador do segundo andar, Bloco 1. Debrucei-me à janela e fiquei ouvindo o som se harmonizando com a paisagem tranquila da noite.

Não me recordo por quanto tempo permaneci ali. Comecei a sentir sono. O corpo relaxado pedia cama. Os olhos entrecerrados fitavam as estrelas, achando curioso o seu pisca-pisca.

Fui para o quarto dormi. As vozes do Canto Gregoriano grudaram-se nos meus tímpanos e o meu sono foi sem sonhos ou sustos. Acordei pela manhã surpreendida com a

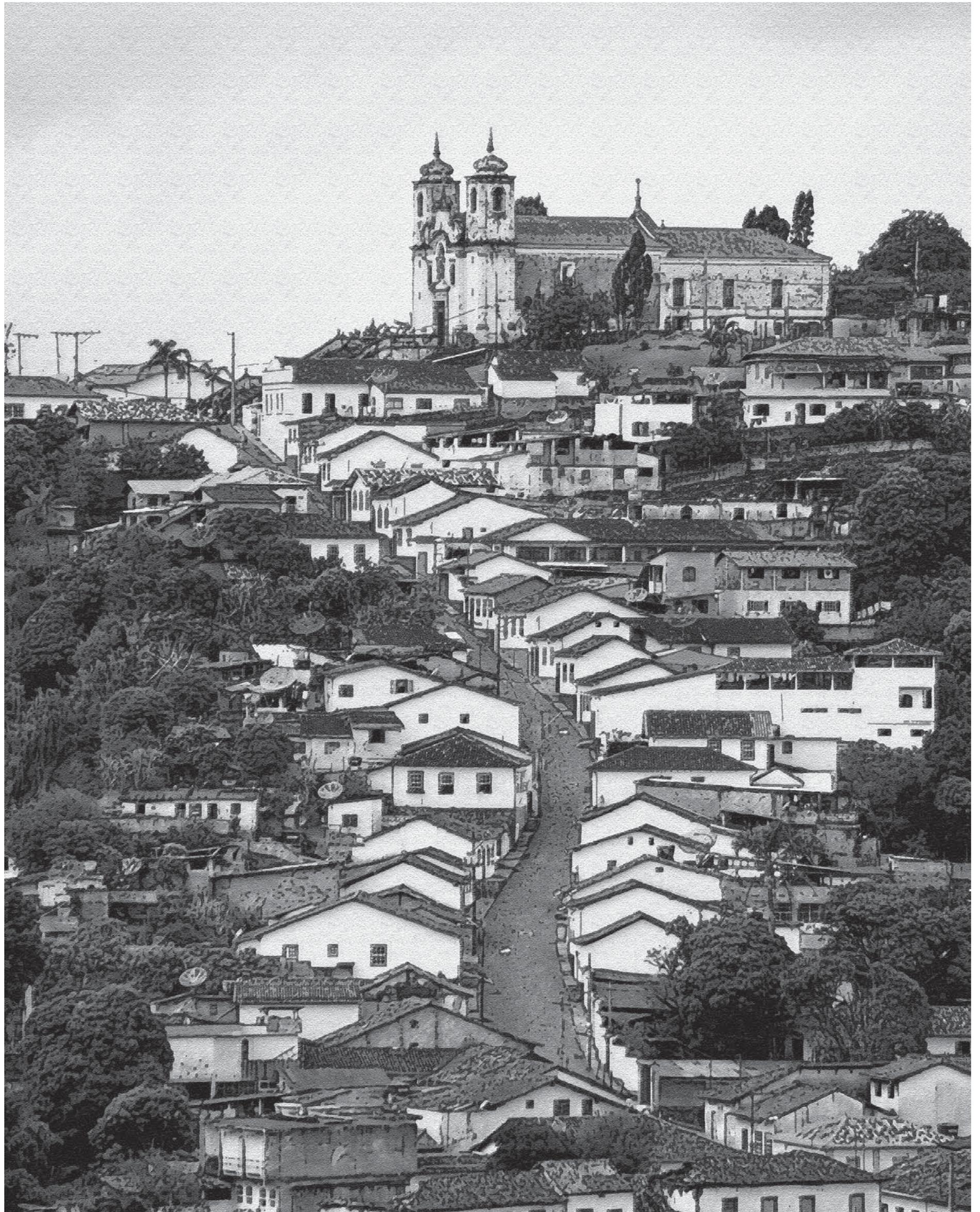
clareza que entrava. Não fechara as cortinas. Calcei as sandálias para ir tomar banho. A água do chuveiro estava uma delícia. Aquecia os meus ossos. Saí assobiando do banheiro e sentei-me à mesa para tomar café. Decidi fazê-lo com esmero. Parti um pedaço de mamão e levei-o aos lábios. A sua doçura fez-me pensar de como o mundo era bom, generoso. Recordei-me do Canto Gregoriano. Na manhã não havia som de música. Da rua, dos motores dos carros e motocicletas e das buzinas enfurecidas. O dia começara feérico. Decidi ir até o centro da cidade para espairar e observar as pessoas. Não fui. Decidi observar os moradores dos blocos 1 e 11 para certificar-me se algum tinha o perfil do vizinho. Percorri os jardins dos blocos e não encontrei ninguém que poderia ser ele.

Enfastiada, retornei ao apartamento. Anoiteceu e não vi nenhum movimento no segundo andar, Bloco 1. Esperei um pouco para ver se acendia alguma luz. Nada. Comecei a sentir frio e fechei a janela.

Passaram-se dias e noites. Numa noite fui à área observar o céu. A Via Láctea estava sulfurosa. Estrelas esfriavam a noite. Olhando para a curvatura do céu quando ele parece unir-se com a Terra vi uma estrela maior. O que chamou a minha atenção foram as suas pontas longas e luminosas. Corria célere e rolava sobre o seu corpo que a protegia de outros corpos galácticos. Aumentando a velocidade ela mergulhou na curvatura do céu, deixando atrás de si um rastro de poeira ou de gás desaparecendo no infinito estelar.

#### LUCIENNE SAMÔR

É mineira de Conselheiro Lafaiete. Autora do livro de contos *O olho insano* (Ed. Interlivros, 1975), tem um romance inédito, *A minha canção desesperada*, à procura de editora.



JUL10  
 CORTÁZAR  
 ANOS

# Um dia, em Ouro Preto

ANGELO OSWALDO

---

**O** telefone chamou, na redação do Suplemento Literário, naquela manhã de fevereiro de 1973. “É do Rio”, falaram. Era Ênio Silveira, o editor da Civilização Brasileira. Dizia que Julio Cortázar e a mulher tinham ido para o Santos Dumont e logo chegariam à Pampulha. Só então conseguia avisar-me, pedindo apoio para a visita do escritor a Minas: “Cortázar quer conhecer Ouro Preto”. Saí correndo, na Veraneio da Fundação de Arte de Ouro Preto, que havia trazido documentos para Murilo Rubião.

Criador do respeitado Suplemento Literário do “Minas Gerais”, em 1966, Rubião era, na época, o diretor de Publicações da Imprensa Oficial. Fui seu sucessor à frente do Suplemento, entre 1971 e 73, depois dos escritores Rui Mourão e Ildeu Brandão. Um dos nomes importantes da literatura brasileira do século XX, Murilo Rubião fez o papel de secretário da Cultura de Minas avant la lettre, apoiador das vanguardas e da resistência democrática. Prestes a me mudar para Paris, com uma bolsa de jornalismo concedida pelo governo francês, vivia uma fase exuberante do Suplemento e iria transmitir sua direção ao escritor Mário Garcia de Paiva. Pouco antes, em 1972, nossa redação havia recebido a visita do poeta Murilo Mendes, que morava em Roma, cujo depoimento sobre o significado da publicação foi mais um apoio empolgante à sobrevivência daquela pequena e surpreendente ilha de liberdade de expressão.

No aeroporto, descobri que o voo chegara alguns instantes mais cedo, fenômeno raro que aconteceu exatamente na hora errada. Cortázar e a esposa haviam desaparecido. Voltei voando à redação do Suplemento, liguei para Ênio Silveira. “Ah!”, disse o editor, “eles não o encontraram, resolveram tomar um táxi para o centro e devem ter seguido direto para Ouro Preto”.

Imediatamente, apareceu o escritor Roberto Drummond: “Onde está o Cortázar?”, perguntava, ansioso. Silveira o havia igualmente prevenido. Ao lado dele, o jornalista Mauro Santayana se divertia com a aflição juvenil do fã ardoroso do “boom” latino-americano e de seus astros.



O jeito é irmos agora para Ouro Preto, propus. E fomos nós, Roberto Drummond, Santayana e eu, na Veraneio cedida por Murilo Rubião.

Descendo a rua Padre Rolim, entre a Igreja das Mercês de Cima e a fachada lateral do Palácio dos Governadores, divisamos o perfil inconfundível de Júlio Cortázar no balcão das escadarias do Museu da Inconfidência, ao fundo da Praça Tiradentes. O fotógrafo Antonio Cocenza estava conosco. Alto, cabelos longos, óculos escuros, camisa larga, sua figura dominava a cena. Ele se valia do observatório privilegiado para contemplar o coração de Ouro Preto, perlustrando a paisagem, de Santa Efigênia do Alto da Cruz aos baluartes do Palácio, da torre única das Mercês à lateral do Carmo.

A mulher loura, ao seu lado, falava ora francês, ora espanhol, ágil, atenta e ao mesmo tempo distante dos três à volta de Cortázar, em assédio gentilmente repellido. “Não, não, gracias, merci, não precisamos de nada, estamos bem, queremos apenas conhecer um pouco de Ouro Preto”, disse o escritor, na tentativa de escapar ao cerco. Aí foi mesmo aquela história de conversa vai, conversa vem. Quando percebemos, já havia um clima de cordialidade, submetidos Cortázar e Ugné Karvelis às facilidades que prontamente lhes propusemos, vendendo nosso peixe.

“Vocês sabem onde almoçar?” “Querem ir a Congonhas?” “Se formos de carro, ganhamos tempo para ver pelo menos cinco igrejas”. Eles não tinham como resistir.

A mesa do Calabouço, o restaurante da canadense Gerry Cunningham, na Rua Direita, musealizava a comida mineira. Tutu, torresmos, linguiça, couve, quiabo, angu e frango ao molho pardo, acervo completo. Santayana provocava Roberto, que se fartava da admiração pelo autor de Rayuela. Cortázar se mostrava simpático e afável. “Sabem, eu me li pela primeira vez em português no Suplemento Literário de vocês, que recebo em Paris”, contou. E a primeira vez que leu um texto em português: “Foi na escola primária, na Argentina. “O Rei Fantasma”, uma obra de Coelho Neto”. Rimos todos dessa iniciação parnasiana.

Cortázar demonstrava grande curiosidade pelo Aleijadinho, queria saber sempre mais. Na Argentina, uma plaquete publicada por Newton Freitas, em 1944, havia despertado crescente interesse sobre o escultor mineiro. Tanto assim que o mestre da fotografia Horacio Coppola (1906-2012) esteve em Minas, em 1945, especialmente para fotografar o Aleijadinho em Ouro Preto, Sabará, Catas Altas e Congonhas do Campo. O ensaísta Jorge Schwartz, estudioso do fervor de Buenos Aires, deu-me





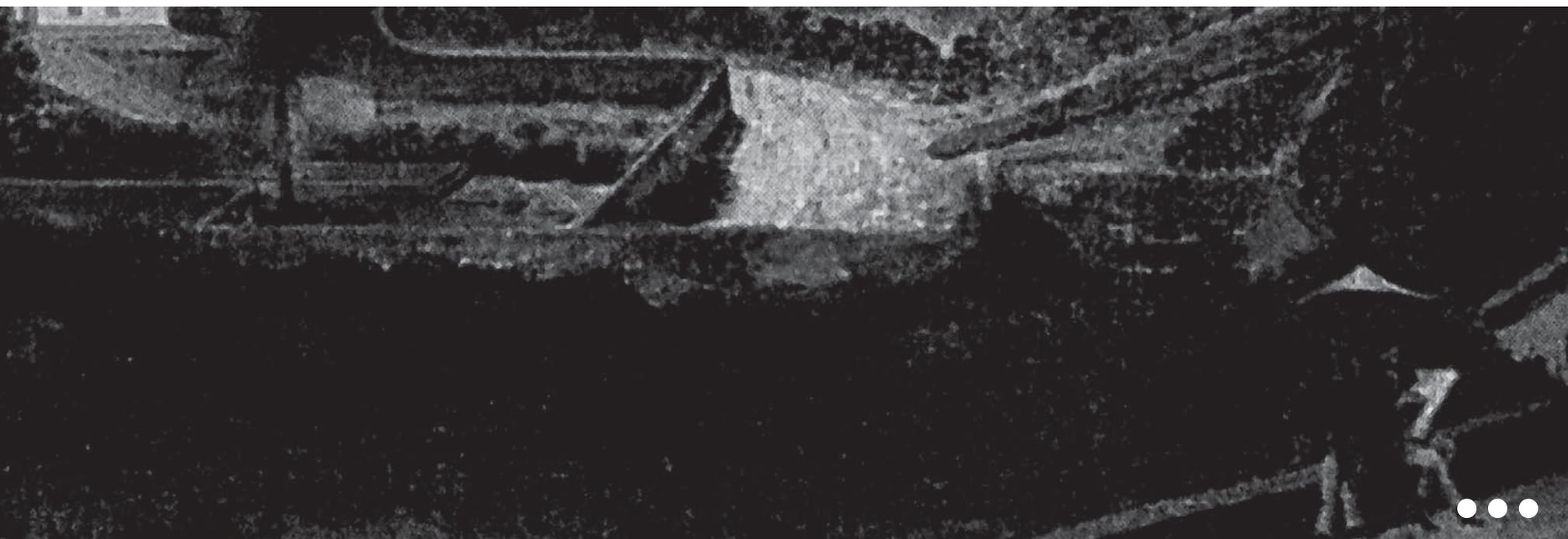
de presente um precioso exemplar do opúsculo de Freitas, publicado pelo Editorial Nova, na coleção “Mar Dulce”.

O historiador da arte argentino Damián Bayón, radicado em Paris, também escreveu acerca do Aleijadinho. O poeta suíço-francês Blaise Cendrars guardara, da aventura mineira de 1924, ao percorrer as cidades históricas ao lado de Tarsila, Oswald e Mário, uma lembrança inapagável do mestre. Germain Bazin, ex-conservador chefe do Louvre, havia escrito sobre essa obra monumental, divulgando-a na Europa. E o editor italiano Franco Maria Ricci acabara de lançar, em 1972, um livro com imagens dos Passos da Paixão e dos Profetas de Congonhas, prefácio de Afonso Arinos, poema de Carlos Drummond de Andrade e texto crítico de Orlandino Seitas Fernandes, ex-diretor do Museu da Inconfidência. Nessa mesma coleção, Ricci lançaria um texto de Cortázar sobre o Bestiário do pintor Aloys Zötl (1831-1887). O ficcionista revelava sua admiração pelo gótico, pelo sobrenatural, o que nos levou a comentários sobre obras salientadas no correr da visita a Ouro Preto, desde uma pintura setecentista na Matriz do Pilar, representando o demônio, até os Leões de Essa esculpidos pelo Aleijadinho, na Matriz de Antônio Dias.

O escritor criava sempre uma pausa para que Ugné Karvelis desenvolvesse sua opinião a respeito de qualquer assunto. Olhava-a com fascinação. Nascida em Vilna, Lituânia, ela deixou o país, invadido pelos russos e logo pelos alemães, nos princípios da Segunda Guerra Mundial (1939-45). Seu pai era ministro das Finanças, e o presidente da República, seu padrinho de batismo. Foi educada nos Estados Unidos e na França. A inteligência fulgurante, uma cultura imensa e iluminada, o charme soixante-huitard, tudo fazia dela uma mulher apaixonante, com quem Cortázar se casou, depois de se separar da argentina Aurora Bernárdez. Ele e Aurora trabalhavam na Unesco, na condição de tradutores e intérpretes. O novo casal viveria no mundo dos livros. Ugné era então a toda-poderosa diretora de autores estrangeiros da Gallimard, a mais prestigiosa editora da França, e decidia diretamente com Gaston Gallimard quem deveria ser traduzido e lançado. Sua participação do “boom” dos escritores latino-americanos, nos anos 70, foi fundamental.

No final da tarde, todos exaustos da densa jornada, deixamos Julio e Ugné no Grande Hotel e partimos para Belo Horizonte, combinando ali estar cedo, no dia seguinte, para o remate do passeio por Ouro Preto e partida para Congonhas. Desta vez, Santayana e Drummond não podiam

Vila Rica por Armand Julien Pallière



nos acompanhar, mas nos apertamos na Veraneio para que o escritor Fábio Lucas e a socióloga Celina Albano participassem da romaria ao Santuário Bom Jesus de Matosinhos.

Congonhas foi o alumbramento. Ugné observava detalhes que ninguém tinha percebido, e Cortázar se comprazia com as leituras que ela ia enredando sobre a cidade sagrada do Aleijadinho. Influências do barroco bávaro, um sacro monte italiano, a leveza do rococó, a paisagem solene das montanhas, anfiteatro em que ecoa a voz do poeta Oswald de Andrade: “Bíblia de pedra sabão / banhada no ouro das minas”.

Para fechar o dia, passamos pela Igrejinha da Pampulha, antes das despedidas no aeroporto. O primeiro Niemeyer não poderia faltar. Cortázar e Ugné reconheceram a genialidade do arquiteto no prazer da descoberta da Pampulha. Em papelitos improvisados, deram-me os endereços: o apartamento de Ugné, na rue de Savoie, e o estúdio de Julio, na rue de l’Eperon, no quartier Odéon/Saint-André-des-Arts, Saint-Germain. “Você vai morar em Paris este ano, não deixe de nos procurar”, insistiram.

O que poderia ser um gesto protocolar, como tantos que se perdem nos cartões de visita e nas trocas de amabilidades, selou um grande

amizade. Em meio à comoção que percorria o mundo, no rastro da notícia da morte do presidente Salvador Allende, resolvi enviar um “pneumatique” a Cortázar, um tipo de correio rápido, tetravô do fax e bisavô do e-mail. E ele logo respondeu, marcando nosso almoço em restaurante no interior de uma passagem localizada na esquina do boulevard Saint-Germain e rue de l’Ancienne Comédie. Mais uma viela de bairro parisiense do que passagem como a que levou Walter Benjamin a desvendar os enigmas da “capital do século XIX”, aquela Cours de Rohan disfarçada de beco no epicentro de Odéon apareceu para mim como a porta pela qual eu finalmente entrava em Paris. Ele pediu um “château saignant” e eu perguntei se isso lhe lembrava um “castillo sangriento”. Curtíamos sempre as palavras, era algo que o animava e conduzia conversas desdobradas pela própria astúcia do jogo verbal. Daí veio o convite para irmos ver “Tupi or not tupi”.

O Quartier Latin ainda guardava os sintomas mais evidentes de sua lenda. O Marais estava repleto de lojas de atacado e oficinas mecânicas invasoras de nobres pátios decaídos. Num teatro da rue Mouffetard, perto do Panthéon, Cortázar me apresentou, à frente de uma troupe francesa, o jovem ator Henri Raillard, que reinventava Oswald de



Rua Direita, Ouro Preto, 1973: Mauro Santayana, Julio Cortázar, Angelo Oswaldo, Roberto Drummond e Ugné Karvelis

Andrade e José Celso Martinez Correia num banquete antropofágico para comemorar o delírio tropicalista dos anos 70. Um dos meus melhores amigos desde então, Henri veio a fazer um livro de longa entrevista com Oscar Niemeyer, trabalhou com o cineasta Nelson Pereira dos Santos e traduziu para o francês Estorvo, de Chico Buarque de Holanda.

Logo depois, veio o jantar na rue de Savoie. Ugné e Julio chamaram amigos que se tornariam também meus, como Georges e Alice Raillard, pais de Henri Raillard, ele crítico de arte, próximo de Miró, ela tradutora de Jorge Amado, o pintor Artur Pisa e sua mulher Clélia Pisa, tradutora e editora. José, o criado nascido em Palma de Maiorca, cozinhava à perfeição, acendia as velas e servia à francesa. Conheci então Christophe Karvelis, menino, o filho de Ugné que Julio tinha também como seu, hoje um importante empresário parisiense.

E havia lançamento de livros, prêmios literários, conferências. E o cinema. Íamos muito ao cinema, nas diversas salas de Saint-Germain. Depois, uma esticada à brasserie Balzar, na rue des Écoles, ou a um restaurante na rue de Buci, para ouvirmos Ugné dissertar sobre o filme, todos atentos a sua palavra sedutora, enquanto cronópios e famas deambulavam pela noite de Paris, espalhando histórias fantásticas. Fumávamos todos um cigarro atrás do outro, Gitanes, Gauloises. Os aromas do caminho, cheiro de flor ou de comida, um barulho súbito, o gosto irrompido na ponta da língua, um vulto na sombra davam início a uma história que Cortázar passava a desenvolver. Tal como Pedro Nava me confessaria, em entrevista, acontecer também consigo, movido por cheiros e sabores nos labirintos da memória.

Sempre pedia notícias do Brasil, especialmente sobre a evolução do regime militar e a resistência à ditadura. A Argentina era uma angústia imensa, entre a dor de um Chile dilacerado e as expectativas da revolução nicaraguense. Em 1975, Cortázar voltou ao Brasil, de passagem para a Argentina, em arriscada viagem para ver a mãe, às vésperas da morte. Sentiu-se vigiado em São Paulo. Muitas vezes fustigado por não parecer engajado suficientemente, Cortázar foi à Nicarágua e sempre se pronunciou a favor de Cuba. Ugné atravessava a cena política com desembaraço inimitável, e ouvi-la para ele era a segurança de saber onde estava o caminho certo. O Brasil era também a música, que o encantava na voz de Luís Melodia. Haroldo de Campos tornara-se referência sempre citada, e David Arrigucci o sensibilizou com o ensaio denso sobre sua literatura.

Estive com o casal na residência de Saignon, uma aldeia no alto do rochedo de Apt, na Provença, entre a montanha Sainte-Victoire de Cézanne e as ruínas romanas de Nîmes, onde três inconfindentes marcaram encontro com Thomas Jefferson em 1788. Dominando um vale luminoso, para adiante da montanha do Lubéron, em meio a abadias medievais, torres arruinadas e vilarejos silenciosos, a casa de campo de Ugné e Cortázar era o refúgio que se alcançava após as peripécias na “Autopista del Sur”. Ou na velha 2-Chevaux providencialmente estacionada na estação ferroviária de Avignon, à espera do TGV. Lawrence Durrell tinha uma casa não muito distante e aparecia para um pastis, a bebida meridional por excelência. Passeios até Vaugines, na casa dos Raillard, voltas de Lacoste a Sénanque, Bonnieux, Gordes e Lourmarin,

referências ao marquês de Sade, Daudet, Dumas, apreciador dos melões de Cavaillon, Camus e Henri Bosco, autores que andaram pela região, completavam o tempo sem pressa sob o sol do Midi.

Os escritores Macedonio Fernández, Leopoldo Lugones e Roberto Arlt marcaram a formação literária de Júlio Cortázar. Claro que Jorge Luís Borges seria sempre o céu da amarelinha. Mas foi nos precursores da literatura fantástica, assinalados pelo viés gótico, no sentido inglês do termo, que ele encontrou afinidades e descobriu sensações que o levavam a uma dimensão mágica, tão cara ao curso de seu texto. O estranhamento, a surpresa, o inesperado conduziram Cortázar na construção da narrativa. Focalizamos esses temas na entrevista que ele me deu e publiquei no “Jornal do Brasil”, no início de 1976.

Fui encontrá-lo pela última vez entre maio e junho de 1983. Separado de Ugné, tinha ido morar na rue Saint-Honoré, na região dos antigos Halles. Marcara-o profundamente a morte da fotógrafa canadense Carol Dunlop, no final de 82. Não imaginava que ela pudesse partir antes, afinal ele é que não estava bem de saúde. Casaram-se e procuraram viver de modo intenso a união. Em seu estúdio, falamos sobre Carol, evocada com enorme afeição pelo escritor. Os passos mais afirmativos da abertura política no Brasil e a lembrança de nosso convívio em Paris, nos anos 70, trouxeram ânimo à conversa.

Ugné ofereceu-me uma festa de despedida, na véspera de minha volta ao Brasil, após quase dois meses em Paris. Convidou Julio e ele veio, para surpresa geral e o olhar terno de Ugné, feliz com o reencontro. O cronópio de cobre, obra de um escultor belga, sentado numa cadeira de medalhão, de novo o saudava com largo sorriso. A atriz mexicana Ofélia Medina e a cantora argentina Suzana Rinaldi cintilavam na noite. A jornalista Rosa Freire d’Aguiar ajudou Ugné a preparar o taramas, “comme c’est bon!”. Cortázar não se demorou, mas permaneceu o bastante para reafirmar a amizade por Ugné e a estima pelo homenageado.

Em 84, voltei a Paris após a morte de Julio, que aconteceu no dia 12 de fevereiro. Não atingiu os 70 anos, que seriam completados em 26 de agosto. Ugné estava saudosa e serena. Recordamos o amigo, o escritor. Ela retirou de uma pasta alguns papéis inéditos, e me deixou escolher um poema para ser publicado no Suplemento Literário, revitalizado novamente por Murilo Rubião como diretor da Imprensa Oficial. Juntos o traduzimos para o português.

Com Julio e Ugné, conheci Carlos Fuentes e fui por ele e a mulher, Sílvia, convidado à Embaixada do México, que passaram a ocupar em Paris. Assim como Gabo (Gabriel García Márquez), Fuentes estava entre os que enalteciam a inteligência da mulher de Cortázar e lhe apreciavam a ação afirmativa e determinada. O sucesso que abraçava os latino-americanos passava pela rue de Savoie e pela Gallimard, quartéis-generais das estratégias articuladas com talento e sensibilidade por Mme. Karvelis.

É estranho que a presença de Ugné Karvelis tenha sido subtraída das referências a Cortázar. Textos e fotos foram suprimidos. Essa censura absurda não apaga o amor que os uniu, nem contribui para o conhecimento verdadeiro da vida e da obra do grande narrador. Viveram cerca

de dez anos juntos. A separação e o breve casamento com Carol não alteraram a admiração que Julio, à distância, dedicava a Ugné, então em fase difícil, entre a depressão e a agressividade. Mais tarde, ela se recuperaria totalmente, ao desempenhar novas atividades como embaixadora de seu país natal, a Lituânia, junto à Unesco, além de cumprir missões culturais nos países bálticos e contribuir para a consolidação dos novos rumos ali delineados. Ugné influenciava, com impressionante desenvoltura política e diplomática, tanto as decisões do conselho da Unesco quanto a situação política de seu país. Chegou a recuperar propriedades da família, na Lituânia, e morreu no início de 2002, ao voltar a Paris de uma viagem ao Rio de Janeiro, juntamente com o conselho executivo da Unesco.

Fez questão de assistir a minha posse na Prefeitura de Ouro Preto, no primeiro dia de 1993. Mais tarde, em nova viagem a Minas, chegamos a Diamantina, onde ela se surpreendeu ao ser recebida ao som da Marselhesa, executada por uma banda de música de adolescentes, por obra e graça do prefeito João Antunes. “A Sra. tem que nos ajudar a ganhar o título de monumento mundial”, pediu-lhe o Dr. João. O que ela fez, com alegria, ao acompanhar o processo até à votação que incorporou o Tijuco da Chica da Silva e de JK ao patrimônio da humanidade, em 2001.

A biografia de Julio Cortázar estará sempre incompleta, ou melhor, mutilada, sem a participação de Ugné Karvelis. Ela aparece em momentos cruciais do homem, do escritor e do intelectual latino-americano, ao mesmo tempo parisiense e portenho, entregue ao mundo da ficção e apaixonado pela realidade. Parecia mais latino-americana do que ele. Fluente em espanhol, e nas linguagens políticas, Ugné acabava por se tornar a interlocutora privilegiada dos intelectuais exilados e resistentes, numa era marcada por governo militares ditatoriais no continente. E nunca se esquecia de invocar “Pacha Mama” quando queria que parasse de chover, coisa impossível, em Paris, até para um deus inca.

Quem os conheceu e com ambos conviveu, sabe que, no centenário do escritor, trinta anos após sua morte, a figura inquieta, cativante e onisciente daquela mulher loura, de olhos eslavos, o cigarro sempre nervosamente entre os dedos, continuará a caminhar, como personagem central, pela Autoestrada do Sul, por sobre o caos dos engarrafamentos. “Claro raio ordenador”, ela conduz o autor, para além da perplexidade e do pânico, ao campo infinito da poesia.

ANGELO OSWALDO DE ARAÚJO SANTOS

É jornalista, escritor, advogado, curador de arte e gestor público. É atualmente presidente do Instituto Brasileiro de Museus, vinculado ao Ministério da Cultura. Foi prefeito de Ouro Preto, secretário da Cultura do Estado de Minas Gerais e presidente do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, tendo sido ministro interino da Cultura, na gestão do professor Celso Furtado.

---

JULIO  
CORTÁZAR  
ANOS



# BLACK OUT

JULIO CORTÁZAR

Si ves un perro cerca de una tumba  
huye del helicóptero: ya nieva  
la delicada muerte por trituración, asalto  
del vacío, los ojos reventados porque así  
es el cobalto, es el hidrógeno.  
Soldadito de plomo, de chocolate, corre  
a buscar un refugio: quién te dice  
que el perro no te cede sua casilla, son tan tontos los perros.  
Y si no, está la tumba:  
echa a patadas a ese muerto, abrígate  
con lo que quede, trapos, tierra, huesos.  
(No olvides nunca el Reader's Digest,  
hace pasar el rato, es instructivo.)

É sempre no passado aquele orgasmo,  
é sempre no presente aquele duplo,  
é sempre no futuro aquele pânico.  
É sempre no meu peito aquela garra.  
É sempre no meu tédio aquele aceno.  
É sempre no meu sono aquela guerra.  
(Carlos Drummond de Andrade – "O enterrado vivo")

**Este caminho / já ninguém o percorre / salvo o crepúsculo.**

Vem deste poema de Basho o título do livro de poesia que Julio Cortázar publicou no México, através da editora Nueva Imagem. A poesia está desde sempre na obra de Cortázar, embora seja dela a face menos conhecida, sobretudo no Brasil. Na verdade, seu único livro do gênero apareceu há mais de dez anos. Trata-se de *Pameos y Meopas*, título no qual Cortázar joga com a palavra "poemas". Em *Salvo o crepúsculo*, a prosa, no entanto, encontra espaço intermitente para registrar situações e ideias em que se incrusta a poética do autor argentino. Fome de forma, poema concreto de Haroldo de Campos, ilustra um dos textos paralelos com que o narrador acompanha o itinerário do poeta. Epígrafes abundantes formam outra espécie de contraponto para os poemas, como a citação de Carlos Drummond de Andrade abaixo de *Black Out*. Foi com este trabalho inédito que Julio Cortázar prestigiou o SLMG. (Angelo Oswaldo – Paris, primavera de 1983)

# Razões para não tê-los



CONTO DE ELOÉSIO PAULO

**J**éssica e Maicon fizeram tudo direitinho. Namoravam desde o colégio e ela nunca ficou grávida. Durante a faculdade, os dois já trabalhavam e planejavam a lua-de-mel no Nordeste. O pai de Jéssica deu entrada no apartamento. A festa foi uma beleza, os dois tinham famílias muito unidas e religiosas. Amigos e mais amigos. Combinavam às mil maravilhas, ela até assistia ao futebol no domingo à tarde. Casal divertido e trabalhador, mantiveram as coisas boas da vida de solteiro. Nos perfis do facebook, os dois continuavam se dizendo apaixonados dois anos depois do casamento. E finalmente se realizou o grande sonho: o teste de gravidez de Jéssica deu positivo.

Namoravam desde o colégio e ela nunca ficou grávida. Durante a faculdade, os dois já trabalhavam e planejavam a lua-de-mel no Nordeste. O pai de Jéssica deu entrada no apartamento. A festa foi uma beleza, os dois tinham famílias muito unidas e religiosas. Amigos e mais amigos. Combinavam às mil maravilhas, ela até assistia ao futebol no domingo à tarde. Casal divertido e trabalhador, mantiveram as coisas boas da vida de solteiro. Nos perfis do facebook, os dois continuavam se dizendo apaixonados dois anos depois do casamento. E finalmente se realizou o grande sonho: o teste de gravidez de Jéssica deu positivo. Mas infelizmente ela teve um aborto espontâneo e morreu uma semana depois, de septicemia.

Durante a faculdade, os dois já trabalhavam e planejavam a lua-de-mel no Nordeste. O pai de Jéssica deu entrada no apartamento. A festa foi uma beleza, os dois tinham famílias muito unidas e religiosas. Amigos e mais amigos. Combinavam às mil maravilhas, ela até assistia ao futebol no domingo à tarde. Casal divertido e trabalhador, mantiveram as coisas boas da vida de solteiro. Nos perfis do facebook, os dois

continuavam se dizendo apaixonados dois anos depois do casamento. E finalmente se realizou o grande sonho: o teste de gravidez de Jéssica deu positivo. Porém, o bebê nasceu sem cérebro. Jéssica e Maicon definham de tristeza, ele começou a beber e nunca mais parou.

O pai de Jéssica deu entrada no apartamento. A festa foi uma beleza, os dois tinham famílias muito unidas e religiosas. Amigos e mais amigos. Combinavam às mil maravilhas, ela até assistia ao futebol no domingo à tarde. Casal divertido e trabalhador, mantiveram as coisas boas da vida de solteiro. Nos perfis do facebook, os dois continuavam se dizendo apaixonados dois anos depois do casamento. E finalmente se realizou o grande sonho: o teste de gravidez de Jéssica deu positivo. Nasceu um menino lindo, moreno como o pai e com os olhos verdes da mãe, mas que desgraçadamente foi atropelado aos seis anos, na porta de casa, por um caminhão desgovernado. No velório Jéssica e Maicon estavam a ponto de enlouquecer. Ele, que já vinha bebendo regularmente, afundou no crack e desapareceu. Ela, abandonada, voltou a morar com os pais e pouco tempo depois se casou com Jonas, que era violento e impotente.

A festa foi uma beleza, os dois tinham famílias muito unidas e religiosas. Amigos e mais amigos. Combinavam às mil maravilhas, ela até assistia ao futebol no domingo à tarde. Casal divertido e trabalhador, mantiveram as coisas boas da vida de solteiro. Nos perfis do facebook, os dois continuavam se dizendo apaixonados dois anos depois do casamento. E finalmente se realizou o grande sonho: o teste de gravidez de Jéssica deu positivo. Nasceu um menino lindo, que se chamou Gleisson e sempre foi o melhor aluno da escola. Aos doze anos, o pobrezinho empinava pipa num campinho de futebol do bairro e foi torrado por um raio. Jéssica e Maicon, no processo de sofrer, converteram-se a uma

igreja evangélica. Dois anos depois, tiveram uma menina loirinha e de olhos verdes que cresceu rápido demais, praticamente criada pela avó materna. Sheyla (assim ela se chamou, em homenagem à loira do Tchan) apareceu grávida aos 13 anos, fugiu com um soldadinho do tráfico e nunca mais deu notícia.

Amigos e mais amigos. Combinavam às mil maravilhas, ela até assistia ao futebol no domingo à tarde. Casal divertido e trabalhador, mantiveram as coisas boas da vida de solteiro. Nos perfis do facebook, os dois continuavam se dizendo apaixonados dois anos depois do casamento. E finalmente se realizou o grande sonho: o teste de gravidez de Jéssica deu positivo. Nasceu um menino lindo, moreno como o pai e com os olhos verdes da mãe. Deram-lhe o nome de Gleisson, e ele sempre foi uma criança muito meiga. Aos 14 anos foi surpreendido por Jéssica, mexendo no estojo de maquiagem. Com 15 o garoto já se prostituía, travesti, aos 18 foi assassinado a facadas por um cliente bêbado. Maicon entrou em profunda depressão, acabou dando um tiro no ouvido. Jessica amargou o duplo luto por dois anos, mas no final aceitou ir para o motel com o seu chefe na empresa.

Combinavam às mil maravilhas, ela até assistia ao futebol no domingo à tarde. Casal divertido e trabalhador, mantiveram as coisas boas da vida de solteiro. Nos perfis do facebook, os dois continuavam se dizendo apaixonados dois anos depois do casamento. E finalmente se realizou o grande sonho: o teste de gravidez de Jéssica deu positivo. Nasceu um menino lindo, moreno como o pai e com os olhos verdes da mãe. Deram-lhe o nome de Gleisson, e ele sempre foi um aluno medíocre, mas em compensação deu um excelente lateral-esquerdo. Aos 17 anos, conseguiu treinar no Guarani de Campinas. Destacou-se no Campeonato Paulista e foi vendido para um time alemão. Aos 22 anos, circulava de carrão importado pelas ruas do bairro. Tinha casamento marcado com uma aspirante a modelo (os vizinhos invejosos chamavam de maria-chuteira) e ajudava muito os pais. Acabava de comprar para eles um sobrado de duas suítes quando se despedaçou num acidente na Fernão Dias.

Casal divertido e trabalhador, mantiveram as coisas boas da vida de solteiro. Nos perfis do facebook, os dois continuavam se dizendo apaixonados dois anos depois do casamento. E finalmente se realizou o grande sonho: o teste de gravidez de Jéssica deu positivo. Nasceu um casal de gêmeos, eles se chamaram Sheyla (homenagem à loira do Tchan) e Gleisson. Com 19 anos ela já cursava Administração de Empresas e era noiva de um bancário, rapaz de futuro promissor. Um dia a cidade amanheceu falando daquele filme na internet, a família morreu de vergonha. Sheyla se mudou para o Rio de Janeiro, foi tentar a carreira de modelo. Gleisson terminou o curso de Advocacia, entrou para a política e acabou virando vereador. Era visto por todos como futuro candidato prefeito. Mas um dia apareceu na TV em rede nacional, sendo preso. Era o peixe pequeno de um esquema gigante de corrupção desbaratado pela Polícia Federal.

Nos perfis do facebook, os dois continuavam se dizendo apaixonados dois anos depois do casamento. E finalmente se realizou o grande

sonho: o teste de gravidez de Jéssica deu positivo. Sete meses depois, nasceu um menino com o cabelo crespo do pai e os olhos verdes da mãe: Gleisson. O menino sempre deu só alegria aos pais, era educado e muito bom em redação. Aos 17 anos entrou para uma faculdade de jornalismo e, logo depois de se formar, conseguiu um emprego na repetidora da Globo. Logo virou editor do jornal regional e se casou com uma colega de trabalho. Compraram um apartamento duplex, cada qual andava no seu próprio carro. Em poucos anos já tinham um casal de filhos lindos: Rayane e Pablo. Mas os avós quase nunca podiam ver os netos: Gleisson foi sendo promovido e cada vez morava mais longe. Depois que chegou a correspondente em Londres, passava até três meses sem ligar para os pais. A mãe, diabética, precisou cortar uma perna, e Gleisson não conseguiu arranjar tempo para visitá-la.

E finalmente se realizou o grande sonho: o teste de gravidez de Jéssica deu positivo. Tiveram uma filha que se chamou Sheyla (homenagem à loira do Tchan). Desde pequenininha, a menina revelou grande talento para a dança, não podia ouvir música na TV que já começava a rebolar. Aluna aplicada, Sheyla só pegou três recuperações e fez um ano de cursinho. Foi estudar Enfermagem numa faculdade particular, que os pais suaram para pagar. Mas valeu a pena: a menina, logo depois de formada, conseguiu emprego num grande hospital. Dois anos depois, estava casada com um jovem médico que já era o diretor local da Unimed. O marido dava tudo de bom a ela, mas obrigou-a a deixar de trabalhar. Sheyla teve um casal de filhos, Thalita e Jefferson. Os dois eram lindos e inteligentes, estudavam inglês e espanhol desde os seis anos. Mas também já nessa idade eles já iam muito pouco à casa de Jéssica e Maicon: aprenderam com o pai a ter vergonha dos avós maternos.

O casal de filhos é criado com esmero por Jéssica e Maicon. Gleisson gosta muito de ver filmes na TV, Sheyla é muito estudiosa. Na adolescência, os pais vão se desdobrar para dar a eles tudo (ou quase) que os filhos dos vizinhos tiverem: TV a cabo, clube, inglês no CCAA, dinheiro para ir a shows e festas. Os meninos vão entrar na faculdade sem cursinho. Ele vai estudar Odontologia, ela vai fazer Farmácia. Logo se tornarão profissionais respeitados, constituirão belas famílias. E vão ficar cada vez mais importantes e raros na casa dos pais. Mesmo assim, quando Maicon morrer de um derrame cerebral, o filho e o genro vão providenciar um funeral decente. Mas a pobre Jéssica não terá a mesma sorte. Generosa e um pouquinho interessada, ela vai vender sua casa e dividir o dinheiro com os filhos. A perna inchada, o corpo pesando 150 quilos, seu fim será num asilo. No meio da noite, ela vai se perguntar, atordoada de dor e em meio ao choro abafado, onde foi que errou.

ELOÉSIO PAULO

É mineiro de Areado. Autor de diversos livros de poesia, é jornalista e professor da Universidade Federal de Alfenas-MG.

# POEMAS DE João Paulo

## Aniversário

Perto umas das outras – diferentes  
taças quebram : embaraços  
– sustos se espalham na sala  
– comidos rendimentos – para  
transparentes fragmentos, mas assim  
que todos se desobrigam do cristal som  
da perda – recompostos – voltam

a mesa e de novo se resguardam  
nos gestos de louvor – aos aniversariantes.

## Sala

Difícil respirar – andar na penumbra  
entre os móveis cobertos de lençóis

engulho de esbarrar no abandono das cortinas  
pesar de afastar dos pálidos reflexos nos espelhos

palavras rotas – antes tão doces.  
Ovos esquecidos nos ângulos do triângulo

– promessas de vida impossível.  
Gestos incompletos – tantos. Sombras interrompidas.

O silêncio das paredes escorre sem parar  
no piso encardido – noutros tempos claro mármore.

Quantas demandas postas sobre a mesa.  
A jarra com as dalias então vermelhas.

E os alfinetes espalhados no tapete :  
tráfego de perguntas inaudíveis.

As carícias dos dedos nos azeviches da chave  
diluem os nódulos da porta – moroso aviso.

## Chamariz

Vem do ar  
o contorno do seu viver.

Como das outras vezes tirou a pérola azul  
do ouvido esquerdo – a amarela do direito.

Passados tantos anos  
escutou o canto do mesmo pássaro.

Escutou músicas estranhas  
filhas mais novas das espumas do rio.

E viu fios vermelhos  
se desprenderem do distante horizonte.

Desígnios para – ofegante  
desaparecer no crepúsculo.

De novo se encontraram náufragos  
os sons de seu nome e os de quem o chamou.

## Mãe D' Africa

a Ana Bonfim, in memoriam

A majestade  
daquela mãe d'África aparece  
menos no decote da blusa  
ou na sua estatura exaltada  
pelo rubro turbante.

Antes se revela  
nos olhos ininterruptos – os mesmos  
que – para viagem diversa – acabam  
de estender o corpo nu  
sobre a outra mesa.

Quem estava ao  
alcance daqueles olhos  
perguntara pela distância do ponto final?

As velas continuam acesas e os  
búzios permanecem – tal como caíram –  
espalhados sobre a toalha azul

– flores de silêncio

JOÃO PAULO GONÇALVES

JOÃO PAULO GONÇALVES  
Mineiro de Belo Horizonte, é autor dos  
livros de poesia *Cara & Coroa* (ed. Dubolso)  
e *A lua entrando em aquário* (Epos Editora).

# FOSSO,

*...basta-me este silêncio aqui de fora, o meu silêncio,  
não preciso de que me atirem pelo rosto nenhum outro silêncio,  
nem tenho um rosto para que me atirem, nem tenho um rosto,  
apenas este silêncio no lugar do rosto.*

(Campos de Carvalho – A chuva imóvel)

**L**á fora a vida passando feito uma correnteza] Antes de jogar-se na cama e do definitivo breu e a mudez da noite, aquelas chagas abertas na perna, desenhando estranhos contornos na sua epiderme tão antiga quanto suas dores. A alma também é um terreno marcado pelos anos de hiato e sofrimento. Por enquanto, a vida ainda insistia, apesar dos engulhos da convivência, de cada dia o estômago digladiar-se com a tormenta de incontáveis punhais abrigados dentro de si. Há os filhos e os netos. E os almoços nos finais de semana, é sempre a reprise do frango assado, com farofa e macarronada, como nos velhos tempos, regada a ki-suco, juntando o que restou. Uma escolta de luzes ao longe sinalizava com um postergar de dias cavalgando na vasta solidão da linha do horizonte. Ela me chama de solene e frio nesses quarenta anos de matrimônio. Eu retruco: viver a dois é esse calvário, um saco furado, todo dia uma waterloo e não sabemos quem é o outro. Sei que ela se aborrecia por eu não ser uma surpresa a cada dia. Eu digo: casamento é isso mesmo. Ela emenda, com opulência na contestação: mata-se um leão por dia e não sabemos quem está do lado. A sua cota de insatisfações saindo pelas bordas. E eu: é como realizar os doze trabalhos de Hércules para me redimir da insanidade. Agora, estamos no ventre da baleia. Nínive ainda está longe. Desconheço se toda essa tormenta um dia vai passar. Enquanto isso, ao longe uma cidade brilha debaixo das estrelas. Ele comenta sobre seu dia a dia. Ela vem com outro assunto, alfinetando seu desdém: ensaiado pouco-caso. Mas eu tento despistar, olhando lá fora, pela janela, os olhos num ponto cego na escuridão, quando sou atormentado pela imagem do cão Evilásio e da gata Madellon, parrelha de animais de dona Laurita e seu Gusmán (o casal galego que vende “quentinhas” nas ruas da cidade), seus bichinhos que vivem ladrando pelas ruas, entrando em nossos quintais, porém denunciam mais felicidade e harmonia do que nós. E volto para ela. E fico sabendo que a Cilene está com o Mal de Parkinson e que o Bar do Afonso vai fechar. Eu sou Jonas nesse claustro compulsório entre vísceras desconhecidas. E entre um e outro desatar de coisas sem importância, o vazio continua fazendo as honras da casa. E os ácaros

# FOSSEAS

CONTO DE RONALDO CAGIANO

---

se empanturram em sua festa no quarto de empregada. O ar lá fora carrega um hábito antigo de cidade do interior nesse condomínio afastado. A fumaça do cigarro desaparece em redemoinhos, enquanto os olhos deles estão mais distantes que seus rostos. Ele olha para o teto arranhando a cabeceira da cama com as unhas enquanto ela finge que não é com ela, lendo o Reader's Digest. "Hoje está um gelo." O frio passa — ele pensa. E no abismo da inércia emocional que os separa, corre um rio caudaloso de tanta bile e ressentimento, como essa rua imensa que divide a cidade em duas e parece separar-nos (e a eles) ainda mais. E o inverno é eterno como o inferno de um matrimônio que atravessou o maio de 68, a primavera de Praga, os acordos revolucionários de Woodstock, a intentona americana na Baía dos Porcos, os assassinatos de Kennedy e Martin Luther King, o golpe de 64, a renúncia de Nixon, a guerra do Vietnã, a transição conservadora de Tancredo-Sarney, as Copas perdidas, a violência nas favelas (tão mortais quando o pavoroso deserto daquela casa), a queda do muro de Berlim, os assédios a/de Mônica Levinsky, a desastrosa era Bush, a invasão do Iraque, o ataque aos talibãs, a ruína das torres gêmeas, a tsunami na Ásia, a força para Saddam Hussein, a ascensão de Khomeini, as quedas de Mubarak e Kadhafi, a febre suína... e quantas vezes a voz inquieta da dúvida entrou pela casa vestindo de luto aqueles corações, como se trouxesse lobisomens do quintal. E eles nem precisaram atravessar o Letes, pois há tanto corria pressuroso em suas veias o sangue do esquecimento. A convivência no formol. A madrugada comprida dos sonâmbulos ainda não acabou. Mas o sol, que chega pontual e imperturbável todas as manhãs, só alcança as feridas, com seus golpes de carnívoro silêncio. [Dentro, incurável monotonia, a vida os atravessando feito um punhal e as queimaduras no sinteco provocadas pelas guimbas atiradas nas madrugadas em que o sono não veio] {Fora, a poluição polvilhando os ares como a fuligem em suas existências, a cantilena inútil de um vento distante. Colóquio espalhafatoso de pássaros num jardim de plantas raquíticas. Azáfama de nuvens fustigadas por um sopro estranho, sob uma lua desanimada que não ilumina o idioma das rãs} Não mais o tumulto de pernas sob os lençóis. Nem a barroca melancolia de uma relação estagnada como as águas do Mar Morto. Só a ordenha do nada absoluto.

**RONALDO CAGIANO**

É mineiro de Cataguases. É autor, dentre outros, de *Dicionário de pequenas solidões* (contos, Língua Geral, 2006) e *O sol nas feridas* (poesia, Dobra Ideias, SP, 2011).

---

# Nina Rizzi,

## UMA LEITURA

CÂNDIDO ROLIM

---

**A** leitura mais direta da poesia de Nina Rizzi (*tambores pra n'zinga*, Ed. Multifoco, 2012 e *A Duração do Deserto*, Ed. Patuá, 2014) talvez seja pelo seu lado performático constituído de um signo corporal afirmativo e transgressor: missal profano, casta de impropérios, verba impudíssima, etc. Opto por fazer uma leitura de seus recentes livros por outro viés, que acredito tanto quanto válida em face da malha semiótica que as obras oferecem, tendo a dor – ancoragem dos vivos – e a angústia como estofo: “preciso dessa dor que me atravessa os idos”, diz a autora. Verdade que desde tambores esse texto-fatura anuncia o pathos de uma linguagem dada à ginga – arma voluptuosa de entidade – mas é inegável que há em suas minúsculas demarcações um pedido pulsante para que sejamos socorridos por algum afeto.

Observo também que Nina Rizzi, poeta de um profundo convívio com uma lírica diversa (Bandeira, Ungaretti, Pizarnik, Trakl, Akhmátova, Emily Dickinson) consegue safar-se dessa cilada contemporânea onde coisas, nomes e afetos gozam de uma sufocante similaridade e evidência: deserto da indistinção e indiferença promovida pela luz cegante da informação e da comunicação, tão vastas quanto mudas; no campo

literário, um sistema cooperativo em que os autores, às vezes sem se darem conta, se revezam na feitura de um só e rarefeito texto confessional. De fato uma visão aproximada em seu texto, vai contrariando esse viral da contemporaneidade, na medida em que se destacam peças líricas de perturbadora articulação e módulos metalinguísticos de rascante ironia. Com efeito, Nina Rizzi nega-se a usar a tradição ou a informação para comparecer a uma orgia de ventríloquos nem se propõe a uma vertiginosa repetição de sentidos “poéticos”. Às vezes sua sintaxe apeia-se de um prazeroso refinamento lírico para tramar-se numa zona suja onde sua “tortographia” possui uma contundência e um timing próprio, gesto de criativa descompostura: nada de comesuras; ela sabe imprecisar, sabe possuir-se e, ao mesmo tempo, apresentar-nos o tempo de uma perda. Daí, a particularidade da autora surge – sedenta, árdua, difícil, bela e o signo DESERTO – que é também verbo imbricado num lance de abandono (DESERÇÃO), apresenta-se como âmbito apropriado a esse tenso discurso insubmisso.

Vejo nessa Duração um deserto construído em partes como “espaço simbólico” (J. Baudrillard), locus convencional, ponto de início e abertura a uma saborosa errância da linguagem, seu percurso possível. Nesse



Mariana Botelho



livro, sob esse pré/texto solar, é possível entrever entre os traços de uma poética radical, de certa forma também performática, biografemas, vidas, rostos: despojos de uma sensível interpelação afetiva. Mas a autora não toma aquele espaço simbólico como gancho para uma atitude folclórica de “indagação esfíngica” (decifra-me ou te devoro!). Talvez em tambores pra n’zinga essa proposta sibilina seja mais notável, pelo teor afirmativo das composições. Como alguém já disse, em *A Duração do deserto* parece ser mais tempo que geografia, isto é, tempo que se arrasta e arrasta o leitor a um pensar sentido. Em suas faturas, a autora, em franco desnudamento lírico, logra nos lincar a fatos, nomes, leituras, paisagens, índices de uma comunhão perplexa com o mundo: “às margens do potengi, todos os dias, meninos de rua me assoviam./ à zero hora, putas me tocam também” (à beira da baía, tambores, p. 106) e “todos os dias tenho visto seres devorados, dilacerados // atordoada, rapinas no deserto” (polaroides urbanas, *A Duração do Deserto*, p. 92). É verdade que em seus livros poreja também aquele “rocio de enigmas”

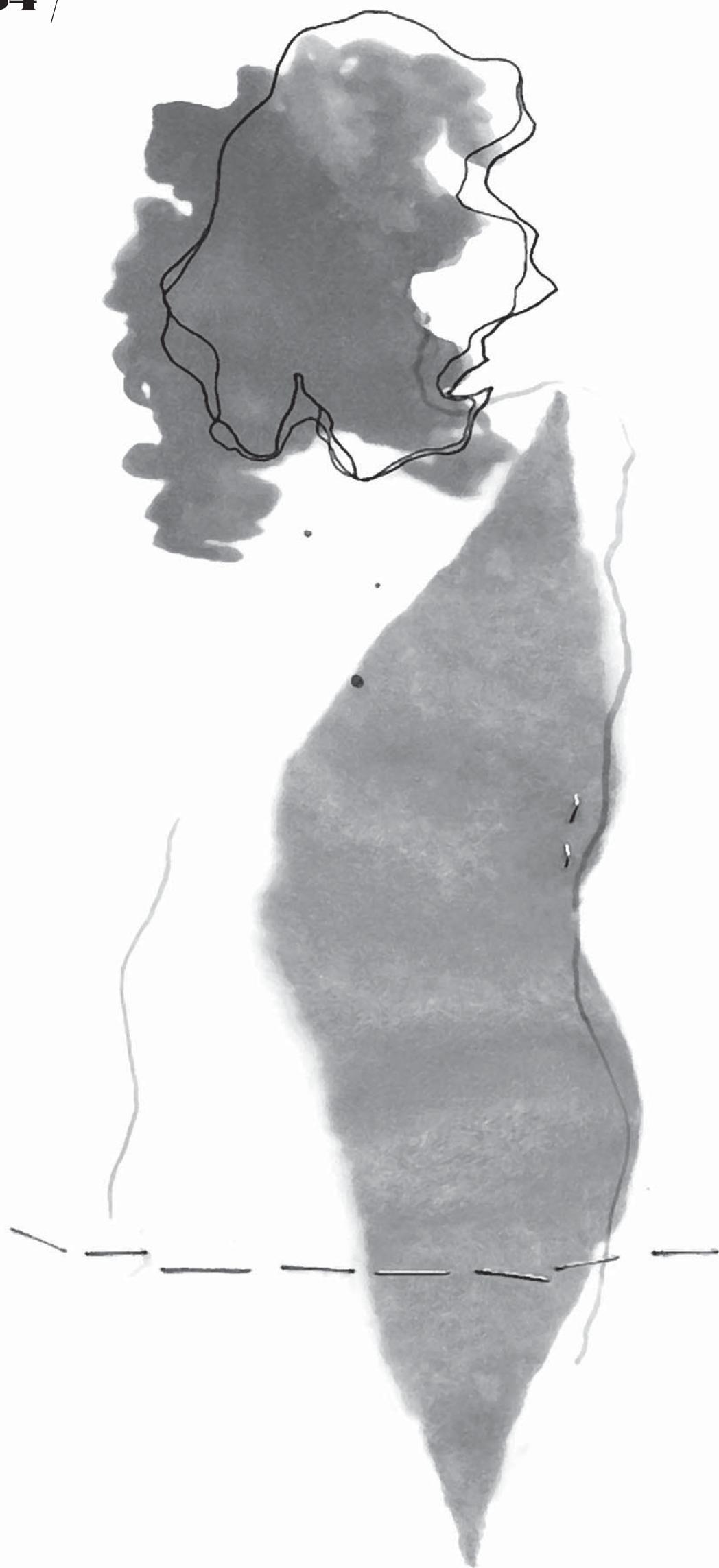
a que alude Lezama Lima, que a volúpia de sua linguagem constantemente nos propõe a decifrar e sentir, mas lá como aqui Nina Rizzi é mais um devorar que devoção: frutos abandonados no corpo. Cite-se o poema “tese XV” do primeiro livro (p. 105):

**“enfio um a um dos dedos nos dez  
mil anos de história, gracejo.**

**não guardo a perícia no trato com moscas e murisókas  
carapanã-pinima, sou um espanto.**

**como quem prepara o melhor vinho calabrês  
pisoteio, levanto a saia, giro espelhos, vos vomito.**

**que não sou eu, mas a indiferença  
o peso morto da história.”**



Chama a atenção na escrita de Nina esse povoamento vocálico, essa delicadeza com os nomes, como autênticas consubstanciações (nomes númens), que tomo por afáveis sínteses sonoras do outro (glória, korai, voglia, ellena, grodek, groen hondjie, aline, lilitchka, flora, suzanne...) que compõem todo um entorno tão familiar quanto estranho, dado a rapidez com que se inserem no discurso e se ausentam: ânsia de encontro, abandono, diálogo.

Formalmente, está-se diante de uma poesia substantiva, vertida desde e sobre o real ou o que se diz real. No poema da página 65 de tambores (cantiga quase, impossível) a autora reproduz o gesto tanto usado pelos curadores de encostos como de uma operação de despertar físico – “assopro nos olhos”, chamamento à consciência e limpeza da visão. Veja-se, também esse plástico, ágil, raro e belo atrito de significantes: “abissal névoa, navalha” (auto-tempestade nº 1: pág. 97 de tambores). Ou essa peça veloz, doída, triste de tão bela, que vale reproduzir (Fuga, p. 87 do citado livro):

**“minha voz, quando te diz, quanto te canta:  
“te amo como se ama uma passarinho morto”**

**sabe?**

**a gente quer pegar na palma na mão, levar ao  
rosto**

**afagar e chorar**

**- voa, voa, passarinho morto.”**

## **Uma enganosa melodia**

Não se engane o leitor. O encaminhamento melódico sugerido pelos títulos de alguns poemas (cantata, adágio, larghetto, valsa, prelúdio, barcarola, berceuse, solo...) aparecem como um falso mote, uma movediça chave de leitura. Consciente ou não, essa peripécia encaminha o leitor para um intrigante contraponto: sonatas, melodias, arranjos, oboés, flautas são de cara abafados pela repercussão de uma víscera estendida ao máximo. De cara nos deparamos com o dedilhar de amarga ternura; sintaxe e lances imagéticos que eriçam a superfície da linguagem. Veja, por exemplo, esse jogo sinestésico (e cinético) de transparências: os dois olhos de ellena/ giram luas luas e sóis,/todo mundo quer cheirar./ou chorar? (o aroma de vodka sob a neve, tambores, p. 44).

E o que dizer desse delicado sumo retórico, dessa sintaxe úmida, feminina, plural de ensaio pra transubstanciação (tambores, p. 47):

**“pra ela, à distância, digo  
fecha os olhos**

**ouvimos toda a poesia universal**

**detemo-nos nos mitos  
sou mandona, choro, gozo. triskle.**

**ela gosta**

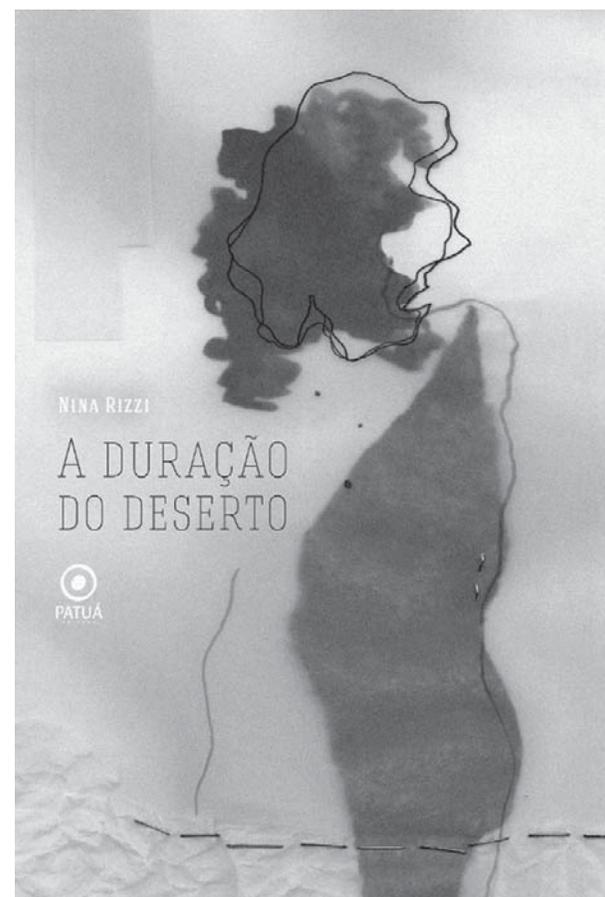
**rimos. morremos.  
e entro em águas, até senti-la quando.”**

Poeta crítica – é Júlia Studart que adverte não ser mais possível, nestes tempos, fazer-se uma poesia ingênua – Nina Rizzi utiliza a metalinguagem como exercício crítico ao deleite “beletriste” e à sisudez de seus “ímpares”. Em todo o resto, poesia que demora nos lábios como uma palavra amorosa, “uma flor sobre o corte profundo”, delicadeza esférica de bilro, gritos (“preciso dessa dor que me atravessa os idos”), um mundo resumido em caixas de música é vasculhado por uma inquietação febril, a linguagem que parece nascer de um nada, melhor, de uma pequena precipitação do silêncio, extrato dessas pequenas nódoas, manchas cotidianas, a poeta se arremete, com medo, coragem, rumo ao outro (“esse outro que também sou eu” p. 109), o cego tateio de um espaço afetivo – o corpo e seus biografemas tatuados (pp. 59, 63, *A Duração do Deserto*), a memória pendente como um folhoso pingente atrás da orelha, pequenas pérolas sáficas contidas nessa outra pergunta retórica (*A Duração do Deserto*, p.27):

**átis,**

**lhe entregasse a língua em oferenda, vulva  
calava o grito, lambda?**

Além de suas articulações explícitas (um deserto-dia criteriosamente dividido em três partes) e considerado o seu criativo tráfego com a tradição, *A Duração do Deserto* muitas vezes faz-nos passar ao largo de um sussurro oracular que pulsa em cada ruína, tomados por esse convite a seguir a vastidão, a vertigem de tudo, a entender que a poesia, como todo gesto livre, assemelha-se a um doloroso pertencimento a tudo.



**CÂNDIDO ROLIM**

Cearense de Várzea Grande, é poeta e autor, entre outros, de *Arauto* (Ed. Dubolso, 1988).

# NOTÍCIAS

EDUARDO LALO  
TRADUÇÃO DE LETÍCIA MALLOY

---

# DO DILÚVIO

## 1

**O** ato de caminhar é o movimento imemorial da inquietude. Primeiro e durante milhares de anos, povos nômades, mais tarde peregrinos, naturalistas ou homens e mulheres de incerto ofício e passado percorreram o espaço, impulsionados por seus próprios pés, dando as costas à segurança de muitas coisas, em busca de experiências e conhecimento. No caminho havia marcas (essa sorte de escritura anterior à letra), que podiam ser o rastro de animais ou outros homens, pedras em forma de montículos ou erguidas como dólmens ou, também, as cinzas frias das fogueiras nas quais já se encontrava a matéria orgânica de que resultaria a tinta. A sucessão indefinida de passos do caminhante antigo anunciava o traçado vacilante das posteriores palavras escritas em linhas retas; já era, para o dono dos pés que se afundavam nas pegadas, uma escritura do mundo no mundo.

É torpe e injusta a ênfase atribuída à mão, quando é o pé a mão da espécie. Uma passada após outra, mediante essa reiteração aparentemente tão simples como a da respiração, o espaço aberto se converte em sulco, em trajeto. O passo, essa repetição respiratória e vital, pois a imobilidade resulta na morte do nômade, leva o homem a descobrir o relato, que não é outra coisa senão a introdução de um tempo mental em uma sucessão de passos. Porém, às noites, junto ao fogo, milhares de pisadas se resumem a uma frase, enquanto uma dúzia é descrita com tamanha minúcia que a ideia de

movimento é superada e nelas se descobre uma profundidade insuspeitada. Não há narração nem experiência humana (talvez sejam o mesmo) sem edição e câmera lenta. Estes procedimentos cinematográficos são muito mais que técnicas de uma arte moderna. Provavelmente, desde o primeiro relato da espécie existem enquanto formações espaciais e temporais que permitem a narração. Têm sido a tal ponto imprescindíveis que, sem seu auxílio, não há cadeia de enunciados que não seja uma simples lista. É por isso que se pode afirmar que no ato de caminhar se encontra, em potência, o de narrar: o primeiro (o deslocamento) somente é reproduzível mediante o segundo (sua reformulação); do contrário, o caminho resultaria inexprimível e desprovido de gozo, pois seria exatamente equivalente a sua longitude e irreconstituível por meio das palavras. Seria puro conteúdo factual, uma lista de fatos.

O rastro do pé passa a ser o rastro da mão quando um homem se senta à noite e, diante de seus companheiros, assinala o que a boca diz apontando com o dedo algum lugar no horizonte. Dessa maneira, o espaço do mundo entrou pelos pés, saiu pelas extremidades superiores e coube nos corpos da espécie.

Essa experiência primordial é recuperável. Nosso corpo, por mais sedentários que sejamos, evoluiu para ser nômade. Ainda hoje, por mais banais que sejam a maior parte das histórias, estas conservam os procedimentos de edição e câmera lenta, a transformação do trajeto em relato que

esteve na voz dos nômades. Ainda é possível compreender a cultura de nossa espécie deixando que o orbe entre por nossos pés e saia por nossas mãos. Porém, como fazê-lo quando, mais que espaço indefinido e aventura aberta, temos a reiteração de um espaço de desenho, quando já não existem terras por descobrir a não ser âmbitos colonizados pelas catástrofes da história?

Nos relatos antigos, refiro-me aos muito antigos, aos anteriores às civilizações, as personagens venciam forças desmesuradas. O herói do mito, ao contrário das aparências, não conhece verdadeiramente a derrota humana. Mesmo ao morrer ele triunfa, pois concede a seu povo um legado cultural. No mito, nem o tempo nem o espaço do mundo têm fim, porque ainda não passaram por seu descobrimento-destruição (por sua escrita pautada). O pé do homem ainda pode conhecer qualquer coisa em um horizonte sem limites.

Os relatos atravessados por uma cultura civilizada, isto é, aqueles já fixados pela escrita, possuem outra natureza e outras tensões, mas talvez não tenham podido erradicar de si as sombras dos que os antecederam. No texto inaugural dessa tradição, na Epopeia de Gilgamesh, de entre os séculos XIII e XII a.e.c., lê-se em sua primeira tabuinha de argila:

**“Aquele que viu o mais profundo  
as fundações do País**

**[aquele que conheceu...]  
sábio em todos os campos:  
[Gilgamesh:]  
[...]**

**Viu o segredo,  
descobriu o escondido:  
trouxe-nos notícias  
de antes do Dilúvio.”**

O Dilúvio, que é a inundação suprema, apaga fogos, desmancha rastros, destrói túmulos, derruba dólmene. A ação da água desfigura a paisagem e a deixa sem os rastros dos homens, sem sua primeira escritura-marca. O Dilúvio consiste, neste contexto mítico, em uma sorte de primeira escrita pautada, de catástrofe fundadora de todas as outras, e se torna um lugar em que morte e vida unem seus sentidos e, mediante um poder recém-chegado (o da água ou do Império civilizado) extermina povos e memória.

Por isso, certa prática de escritura, aquela que como a deriva do nômade vira as costas ao Templo e ao Estado, traz-nos notícias do Dilúvio e, ademais, preserva as sombras do que existiu antes. É o empenho em converter o caminho em leitura, o trajeto em relato, para construir a memória e o conhecimento.

Os escritores que me interessam são aqueles que trazem notícias dos dilúvios; aqueles que atravessaram a devastação como se esta fosse uma estepe ou um bosque.



Recorro a uma frase deslumbrante: “Esperando que um mundo seja desenterrado pela linguagem, alguém canta o lugar em que se forma o silêncio” (Alejandra Pizarnik, “A palavra que sara”). Creio que esta oração de um poema em prosa da escritora argentina descreve, como poucas, a consideração da invisibilidade a que aspiram meus livros. (Não é um detalhe o fato de que três deles sejam, para além de ensaios, propostas visuais. Não é desdenhável o empenho em tornar visível o que não se quis ou não se pôde ver.) Da cidade de San Juan ao Caribe onde habito e o mundo, tudo se resume a um punhado de imagens, desde aquilo que riscam os presos no cárcere ao que escrevem os loucos ou os ignorantes pelas ruas, todo esse legado sem prestígios, não canonizado e hipercolonizado, mas possuidor do mesmo potencial trágico de qualquer cultura ou literatura prestigiosa, converteu-se em minha matéria de escritura e de pensamento. E tenho buscado que esse silêncio enorme, que não é senão um fragmento do Dilúvio, soe como silêncio mas também como canto. Eu me propus, assim, uma arqueologia do presente, quase efetuada em tempo real, feita a partir dos passos do caminhante que às vezes até escreve (e fotografa e desenha) ao mesmo tempo em que anda, porque não pude esperar que meu mundo fosse, interpretando as palavras de Pizarnik, desenterrado pelos que manejam as linguagens da visibilidade. Tenho procurado demonstrar que “alguém canta o lugar em que se forma o silêncio”.

O silêncio humano, que é uma forma de invisibilidade, surge por uma resposta desinteressada, indiferente ou até mesmo pela total ausência de resposta, isto é, de imagem. Ao contrário do comumente pensado, a invisibilidade é a circunstância humana mais universal. As sociedades modernas e pós-modernas têm dominado à medida que conseguem iludir incontáveis milhões de pessoas com experiências vicárias, oferecendo-lhes a sensação de inclusão e de participação por meio de sua familiaridade com algumas poucas imagens.

Talvez por isso um dos atos mais comuns à humanidade seja o de não-ver. Deveria acrescentar, o ato voluntário de não-ver. (Aqui fica incluída, certamente, a mais terrível variedade dessa cegueira que se encontra associada a múltiplas formas de servidão, a de não-ver-que-não-somos-vistos.) É notável o fato de que toda centralidade, todo mainstream, produza, mais que luminosidade ou transparência, olhos maculados. A realidade dificilmente penetra nesses olhos, porque já estão cheios. São

uma cidade cingida por muralhas. Já são Uruk, Ur ou Nínive. Já são o Templo, a Lei, o Império.

Desejo fazer uma história exemplar e não consigo precisar por que as histórias exemplares guardam relação com o silêncio. No extremo sul do continente americano, em ambos os lados da fronteira chileno-argentina, na Terra do Fogo (e todo país é, em mais de um sentido, uma Terra do Fogo), existiu até pouco tempo um dos últimos povos nômades do mundo: os selk’nam. Estima-se que até 1880 a grande ilha abrigava uma população de 3500 a 4000 membros daquela etnia. Em apenas quatro anos, entre 1897 e 1901, noventa por cento desta população desapareceu. Como no Velho Oeste estadunidense, pagou-se por cada peça assassinada: uma libra esterlina por testículos e seios e meia libra por cada orelha de criança.

Entretanto, antes de seu desaparecimento quase total nas primeiras décadas do século XX, os selk’nam tiveram um amigo. Tratava-se de Martín Gusinde (1886-1969), antropólogo chileno nascido na Áustria. Quase tudo o que sabemos daquele povo caçador de guanacos provém das centenas de páginas que aquele homem escreveu sobre esses e outros povos fueguinos também exterminados, os yámanas e os alcalufes, após conviver por alguns anos com suas últimas gerações. Sabemos, além disso, que os selk’nam atribuíram um nome a Martín Gusinde. Chamaram-lhe “Mankasen”. Em sua língua, “man” significa sombra, e “kasen” caçador. O antropólogo era o caçador de sombras. É comovedora a sutileza dos selk’nam que souberam, em pleno genocídio, diferenciar as formas como eram caçados: a desumana, de seus assassinos, e a amorosa, daquele que manuseava pena, caderno e câmera fotográfica. Mankasen colecionaria seus detritos e daria fé de sua extinção. Traria até nós as notícias do Dilúvio.

Afirmei anteriormente que não sabia precisar de que forma as histórias exemplares se relacionam com o silêncio.

O nômade, que também é uma história exemplar, marca com seus pés seu descobrimento do mundo. Às vezes faz um montículo de pedras, às vezes descobre, na parede de uma caverna, com um tição ainda morno, a tinta. Vez ou outra, seu pé afundou no barro do leito de um rio e dezenas de milhares de anos mais tarde descobrimos sua pegada fossilizada em um deserto. Podemos ler ou não em silêncio, mas sempre se lê o silêncio.

Como na música, as palavras enquadram o que é impossível dizer. Eis, talvez, uma definição da tragédia: é o relato no qual o silêncio se transforma em beleza.

Toda história exemplar está relacionada com o silêncio e com a invisibilidade. Não posso aspirar a dizer nem a mostrar, palavras e imagens são dedos que apontam, parênteses que delimitam. Porém afirmo, porque o atravessei muitas vezes, esmagado pelo silêncio de minha sociedade, invisibilizado pelo estrondo das imagens que nos venceram, que em minhas páginas está o Dilúvio e que nessa inundação, que talvez já cegue minha voz, cabe alguma compreensão de seu significado. E assim eu também posso afirmar que vi o mais profundo, as fundações do País, o escondido e que, ademais, “cantei o lugar em que se forma o silêncio”. Para outra coisa não me valeram nem os pés nem as mãos, nem o caminho nem a perda.

Convém terminar com uma voz ausente, de tão impossível localização quanto no reino da invisibilidade moderna pode ser a minha. Uma voz que primeiramente foi voz e muito tardiamente foi escritura. Esse canto dos últimos selk’nam, anotado por Martín Gusinde, é ao mesmo tempo testemunho do impossível e manifestação da beleza, palavras que dilaceram a enormidade do silêncio:

**“Aqui estou cantando.  
O vento me leva.  
Estou seguindo os passos dos que morreram.  
Foi-me permitido vir à montanha de Poder.  
Cheguei à Cordilheira do Céu.  
O poder daqueles que morreram retorna a mim.  
Do infinito me falaram.  
As pegadas dos que se foram estão aqui.”**

Com esses passos (os daqueles que se foram), com os que o canto selk’nam é concluído, constrói-se isso que denominamos leitura, pois nas letras dos que não estão, está o que se lê. A escritura que tem consciência de si mesma conhece tanto sua precariedade quanto sua força, sua invisibilidade e suas descobertas. Os caminhantes sabem que as pegadas desaparecem. Às vezes, quase sempre, canta-se para o silêncio e para a dissolução. Às vezes, o canto se torna mais canto porque contém mais silêncio.

[Lido nas universidades de Pittsburgh, Maryland e Nova Iorque em setembro de 2011 e na Universidade de Rennes 2 – Haute Bretagne em fevereiro de 2014]

#### EDUARDO LALO

É escritor, artista e professor na Universidade de Porto Rico. Em 1986, publicou seu primeiro livro, *En el Burger King de la Calle San Francisco*. Nesta obra, o texto é entremeado com desenhos feitos pelo próprio escritor. Sua dedicação à escrita é também combinada à atividade fotográfica, como se verifica em *Los pies de San Juan* (2002), *donde* (2005) e *El deseo del lápiz* (2010). Habitante de uma ilha caribenha marcada pela condição de Estado Livre Associado aos Estados Unidos, Lalo desenvolve reflexões sobre a condição periférica de seu lugar de enunciação. Ao longo de sua obra, discorre sobre a invisibilidade de regiões, povos e segmentos sociais obliterados pelos centros culturais, políticos e econômicos aos quais é outorgado eleger o que deve ser lembrado e o que pode ser esquecido. Em 2006, o escritor porto-riquenho ganhou o Prêmio Ciudad Valencia Juan Gil-Albert com o ensaio *Los países invisibles* (2008). Em 2013, venceu a edição XVIII do Prêmio Internacional Rómulo Gallegos com o romance intitulado *Simone* (2012).

#### LETÍCIA MALLOY

É estudante de Doutorado em Teoria da Literatura e Literatura Comparada junto ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da UFMG. No momento, encontra-se em fase final de realização de Doutorado-Sanduiche na Université Rennes 2 – Haute Bretagne (França).

Pro Rafa

# durante

ANA ELISA RIBEIRO

---

Na sala,  
dançando,  
sob a luz colorida,  
não éramos só nós,  
era a vida.

Enquanto ele me lia,  
lindo,  
tomando vinho,

eu escrevia  
entre suas pupilas  
dilatadas.

Tomava vinho  
no cálice do meu corpo,  
às talagadas,

enquanto a língua  
trafegava  
a intervalos,

entre meus cimos  
e meus abalos  
sísmicos.

ANA ELISA RIBEIRO

Nasceu e mora em Belo Horizonte. Publicou os livros *Poesinha* (Poesia Orbital, 1997), *Perversa* (Ciência do Acidente, 2002), *Fresta por onde olhar* (InterDitado, 2008) e *Anzol de pescar infernos* (Patuá, 2013), todos de poesia. Seus poemas estão em diversas antologias e coletâneas, no Brasil, em Portugal e no México. *Chicletes*, *Lambidinha e outras crônicas* e *Meus segredos com Capitu* são seus livros de crônicas, pela Jovens Escribas, de Natal. É autora de livros infantis e colunista do Digestivo Cultural desde 2003. Professora do CEFET-MG.

---